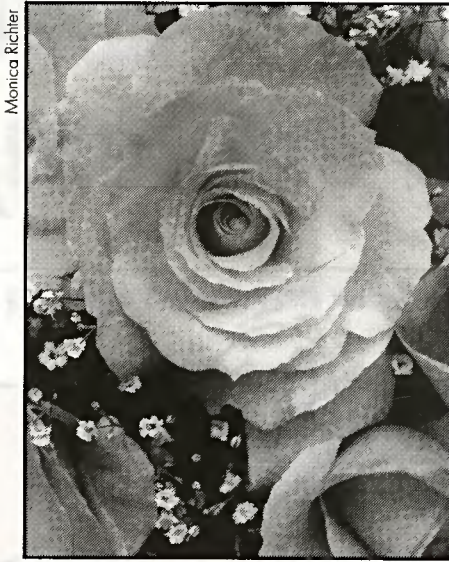


Queima de arquivo

Justiça autoriza incineração de documentos históricos arquivados em comarcas de todo o Estado

Pág. 5



Monica Richter

Buquê rápido e barato

Pesquisa reduz tempo de produção e barateia em mais de 50% o preço das mudas de rosa

Pág. 16

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
AGOSTO/97 - ANO XIII - Nº 116

Futuro sombrio

Lançado pela Editora UNESP, o livro *O horror econômico* gera polêmica ao prever um amanhã apocalíptico, em que o emprego deixará de existir. Leia opiniões de economistas e intelectuais, entrevista com a autora, Viviane Forrester, e uma resenha da obra.

Págs. 10, 11 e 12.



Lewis W. Hine, 1920

Chumbo grosso

Resíduos de projéteis alojados no corpo provocam males físicos e desequilíbrios emocionais

Pág. 7



Monica Richter

Terdoka: fragmentos de chumbo no cotovelo e na perna



Keystone

Oh, raios!

Tornados, longas estiagens, calor em pleno inverno. Afinal, que tempos são esses?

Págs. 8 e 9

Seminário debate integração da América Latina e Caribe. Pág. 3

A extensão em tempos de privatização

EDUARDO HIROSHI KAWAUCHE



Haverá uma fórmula mágica para que a universidade se aproxime da sociedade? A questão é extremamente oportuna neste momento em que parece ter virado moda atacar a universidade pública.

Nesse contexto, a privatização do ensino superior virou assunto muito comentado.

A universidade pública é baseada em três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Os três devem andar sempre juntos para que a instituição sobreviva. O ensino de graduação é a pedra fundamental da universidade, hoje, pois garante, no mínimo, a formação de profissionais de nível superior. A pesquisa e a pós-graduação garantem o fornecimento contínuo de novas tecnologias. A extensão objetiva transmitir à sociedade tudo o que é produzido na universidade, bem como ajudar a comunidade com os melhores trabalhos e produtos acadêmicos.

Atualmente, as universidades no Brasil parecem não estar muito preocupadas com a extensão. A nova LDB também pouco fala sobre o assunto. Sabe-se que a burocracia e o corporativismo acabam atrapalhando várias iniciativas. Alega-se sempre falta de recursos e problemas de níveis superiores para a não-realização da extensão. É preciso mudar esta mentalidade. Às portas do século XXI, com as ameaças constantes de sucateamento e privatização do ensino, a universidade não pode mais se dar ao luxo de guardar para si suas benesses, suas descobertas e seu trabalho.

A sociedade pede um retorno dos investimentos que faz: os impostos que são investidos nas universidades estaduais paulistas — 9,57% do ICMS — poderiam ser usados em outras áreas reconhecidamente deficitárias. Da mesma forma, menos de 1% da população consegue chegar à universidade, e menos gente ainda cursa uma universidade pública. A extensão, portanto, assume um papel essencial no atual contexto. Se a universidade não for transparente e mostrar a sua "utilidade" (ainda que o conceito de utilidade seja polêmico e discutível), o pipoqueiro, o Zé da oficina mecânica continuarão a acreditar que o ensino superior não serve para nada.

Vivemos numa democracia representativa. Por mais que os deputados sejam criticados, eles são apenas representantes das comunidades. Levam a "voz do povo" para as instâncias de decisão. Um deputado propõe a cobrança de mensalidades dos alunos da UNESP, USP e Unicamp. Outros propõem corte de verbas. Antes de serem taxados como representantes de um governo que não prioriza o ensino, eles são, de certa forma, vozes da insatisfação popular para com a universidade.

A instituição deve pôr o bloco na rua e mostrar no que pode ser útil. A UNESP tem repassado conhecimento e prestado serviços inestimáveis à sociedade, nas três áreas do conhecimento — Biológicas, Exatas e Humanas. Biólogos, médicos, engenheiros, agrônomos, historiadores, matemáticos, dentistas, artistas integram um verdadeiro batalhão a



serviço da população. É importante ter em mente a necessidade de se aproximar da sociedade e, ao mesmo tempo, de divulgar essa aproximação. Em tempos de globalização, a propaganda é indispensável. O conceito de que a universidade pública não tem nada a mostrar é um equívoco. Sabe-se que os governantes não vêem a educação, principalmente a de nível superior, como prioridade. Mas, ainda assim, com todas as dificuldades, ainda se vêem belíssimos trabalhos, que merecem ser melhor divulgados.

Faz-se necessária, também, a diferenciação da extensão universitária e da prestação de serviços. A extensão deve ter a contrapartida para a universidade. De nada adianta mandar um grupo de alunos e professores para uma atividade qualquer se eles nada trouxeram de útil para a universidade. Da mesma forma, uma empresa privada que financia uma pesquisa não pode ser considerada a benfeitora da academia. Esse tipo de financiamento, de parceria, com raras exceções, acaba beneficiando muito mais a instituição contratante do que a universidade. As diferentes formas de extensão passam também por iniciativas dos alunos. As empresá-juniores talvez sejam o melhor exemplo: elas são órgãos onde estudantes prestam assessoria a empresas, em diversas áreas, que vão desde a engenharia de alimentos, advocacia e engenharia, até a administração, comunicação e marketing, entre outras.

Outra interessante forma de extensão é a atividade em nível comunitário. No início do ano, durante o trote, alguns diretórios acadêmicos da UNESP promovem a coleta de alimentos, agasalhos e incentivam a doação de sangue junto aos calouros. É uma forma diferente de integrar o novo acadêmico e, ao

mesmo tempo, de ajudar populações carentes. De maneira geral, os estudantes têm mostrado que estão dispostos a praticar a extensão. Muitos eventos ocorridos recentemente em Bauru, por exemplo, parecem confirmar essa tendência. Nos últimos doze meses foram promovidos encontros e semanas na maioria dos cursos, sempre organizados por alunos: Engenharia, Psicologia, Computação, Matemática, Arquitetura e Desenho Industrial, além de eventos maiores, voltados para a comunidade, como o Viva Campus, uma mostra de cultura e artes liderada por alunos de Comunicação Social. Este sentimento, esta vontade de trabalhar e de produzir parece comum às três áreas.

O principal desafio da UNESP, nos próximos anos, a meu ver, parece ser o de encontrar o caminho da extensão e da difusão de sua imagem. A universidade e das instituições mais tradicionalistas da sociedade. Qualquer mudança de procedimento, de comportamento, leva tempo para ser aceita. Em tempos de globalização, é hora de a universidade começar a se repensar, pois o mundo mudou. O mundo passou a ser pautado pela velocidade. Há competição em todos os níveis, e só sobreviverão os melhores. Quem não for bom, não for competitivo, deverá desaparecer. As universidades públicas não podem perder essa luta.

Eduardo Hiroshi Kawauche, 20 anos, é aluno do terceiro ano de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do campus de Bauru e representante no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE — Reitoria), e-mail: hiro_unesp@hotmail.com

CARTAS

APOSENTADORIA

Com grande surpresa, tomei conhecimento, pelo *Jornal da UNESP* (junho, nº 114), da decisão do Conselho Universitário de vetar a contratação de professores aposentados de qualquer instituição, indiscriminadamente. Lamentável, sob todos os aspectos, especialmente por basear-se em premissas equivocadas. Dizer que o docente se aposenta "porque acreditou que não teria mais como contribuir para a instituição" é ignorar que a aposentadoria maciça de docentes nas universidades brasileiras foi gerada, principalmente, pelo receio da mudança das leis que a regem, associada ao fato de que um segundo emprego é a única forma de melhoria salarial para os docentes que cumprem o regime de tempo integral e dedicação exclusiva e não dispõem de outra fonte de renda. Dizer, também, que "a capacitação de pós-graduandos viabiliza o mercado de trabalho e a consequente renovação de quadros", é verdade parcial, porque isto não preenche, nem a médio prazo, a lacuna deixada pela experiência e pela competência adquiridas ao longo dos anos. É de conhecimento geral que essas qualidades se acumulam com o tempo e certamente deve ser muito raro, se é que existe, um recém-doutor apto a desempenhar todas as funções que o trabalho universitário exige. No mundo inteiro, onde quer que se dê valor à sabedoria e ao discernimento, professores universitários aposentados, dotados desses atributos, alguns até bem idosos, são disputados pelas universidades. O Brasil, um país ainda extremamente pobre em pessoas envolvidas com o ensino, a pesquisa e a extensão, em nível superior, tem pelo menos uma Universidade, a UNESP, que pode dar-se ao luxo de apresentar "sinal vermelho aos aposentados". Chamar a medida de "aparentemente antipática", no meu entender, é adjetivá-la de forma condescendente. Ela pode jogar por terra todos os esforços da administração e de grupos de docentes, no caminho da excelência, e de demolir grupos bem constituídos que têm projetado o nome da Universidade além de nossas fronteiras. Dizer, ainda, que a medida tem o caráter "normatizador" porque "o aproveitamento de um docente aposentado, que seria uma exceção, poderia virar regra e, eticamente, traria problemas à Universidade", é confessar, publicamente, incapacidade de escolha. Mais uma vez, para não usar os mecanismos existentes, de seleção e cobrança, adota-se na Universidade a regra geral, para eliminar constrangimentos individuais, mas que prejudica o todo, de forma profunda. Seria altamente salutar se o Conselho Universitário reavaliasse as consequências dessa medida, antes que sua aplicação traga sérios danos à nossa Universidade.

Hermione Bicudo, professora do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas do câmpus de São José do Rio Preto.

No *Jornal da UNESP*, edição de junho/97, nº 114 (pág. 12), consta manifestação, por mim feita no CO, que tem dado margem a interpretações de que me posicionei contra qualquer participação de aposentados em atividades profissionais na UNESP. O que estava em discussão era a contratação, ou seja, o reingresso na carreira docente de aposentados. Manifestei-me veementemente contra tal possibilidade e este foi o resultado da votação do CO. Por outro lado, lembrei que devem existir mecanismos que possibilitem o aproveitamento de "inativos" altamente qualificados na formação de novos quadros, especificamente na Pós-Graduação. No primeiro número do *Jornal da Adunesp*, critiquei, também veementemente, a política de ameaça aos direitos adquiridos, entre eles, o tempo e a forma de remuneração da aposentadoria. Tais direitos estão novamente sob ameaça.

Cláudio Gomide de Souza é diretor da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara.

unesp

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Wellington Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Nelide Aparecida de Souza Leheld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo

de Aguiar (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira, Oscar D'Ambrosio, Tânia Belickas e Waltair Martão
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Monica Richter

Colaboraram nesta edição: Marcos Pícolo e Roberto Romano (texto); Baptista, Luscar e Osvaldo (ilustração) e Hélio Toth e Noélia Ipê (fotografia)
Produção: Mara R. Marcatto e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa. A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13ª andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

Nos passos de Bolívar

Seminário debate integração de cursos de pós-graduação da América Latina e Caribe

Como as universidades de países com realidades econômicas e culturais tão diferentes, como Brasil, Espanha, Argentina, Colômbia e Peru, podem encontrar pontos que possibilitem uma integração? Em busca de respostas para esta e outras perguntas, representantes de mais de uma dezena de universidades do Brasil e do Exterior participaram do seminário "O papel da universidade e da pós-graduação nos processos de integração econômica regional", evento organizado pela Associação Universitária Ibero-americana de Pós-Graduação (AUIP) e realizado na Reitoria da UNESP, em São Paulo, entre os dias 23 e 25 de junho último. "As universidades não podem se isolar; é o momento de se abrirem para a sociedade e para o mundo", declarou, na abertura, o espanhol Victor Cruz Cardona, diretor geral da AUIP.

Os debates enfocaram desde a integração econômica regional à relação universidade-empresa. Foi enfatizada a necessidade de uma maior circulação de conhecimento entre as universidades, assim como a redação de cartilhas bilingües (português/espanhol) sobre termos jurídicos usados nos países que compõem a AUIP. A entidade, fundada em 1989, congrega 124 universidades e oferece 1800 programas de pós-graduação, em 20 países de línguas espanhola e portuguesa. "O encontro foi muito produtivo para discutir que tipo de universidade e de país queremos e podemos construir", concluiu José Ribeiro Júnior, ex-pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UNESP e diretor regional da AUIP, cuja sede no Mercosul é na Universidade.

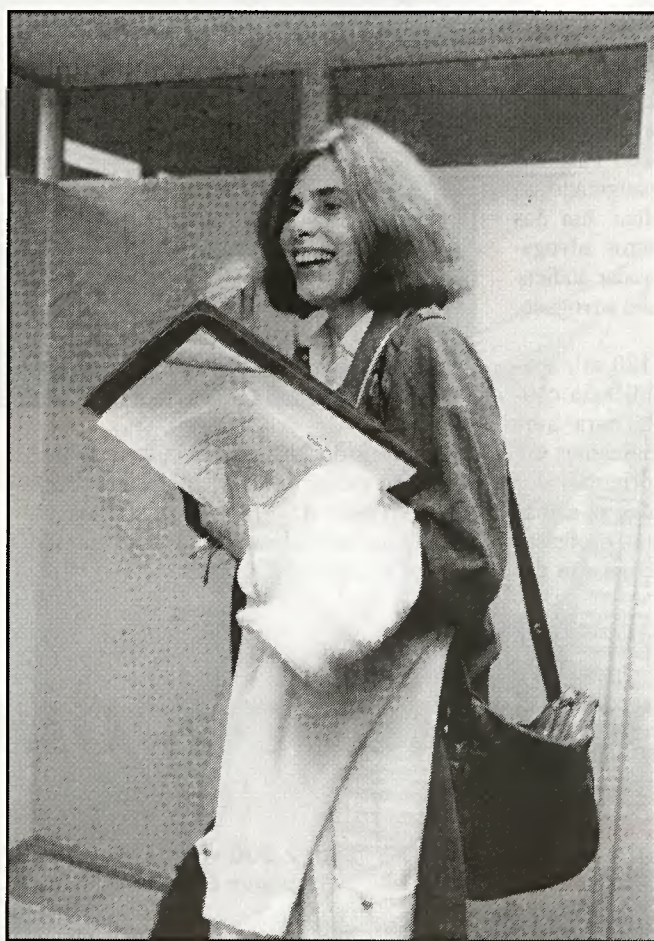
ÉTICA

Uma das principais questões do seminário residiu na busca de critérios de relacionamento das universidades latino-americanas com as do Primeiro Mundo. Foi esse um dos pontos enfatizados pelo economista Arcadio José Guzmán Nogales, da Universidad del Valle (Colômbia). Durante sua conferência, revelou temor quanto à formação ética propiciada pelos cursos de pós-graduação. "O essencial é que ocorra uma integração criativa", disse. Cardona, por sua vez, enfatizou a necessidade de uma avaliação da qualidade dos cursos oferecidos pelas universidades latino-americanas. "Nossos doutorados não podem ser terceirizados", afirmou.

Preocupado com o rumo dos cursos de pós-graduação da América Latina, Manuel Marí, da Universidad Nacional de Quilmes (Argentina), manifestou o receio de



INTEGRAÇÃO
Cardona, diretor da AUIP: inserção responsável na economia



MERCADO
Regina Gadelha, da PUC: alerta contra os riscos dos modismos

que as universidades da região passem apenas a atender a demanda empresarial. "Corre-se o risco de que não existam mais pensadores livres e de que o ensino superior deixe de ser um espaço crítico", decla-

rou. A historiadora Regina Gadelha, da PUC-SP, alertou ainda para a necessidade de fugir dos modismos. "Não podemos permitir que objetivos imediatistas tornem a universidade escrava do mercado."



CRITÉRIOS
O economista Nogales, da Colômbia: defensor de uma integração criativa

Fotos: Helcio Toth

CIDADANIA

Os elos entre universidade e cidadania também foram motivo de questionamentos. Especialista em relações internacionais, Vilma Petrash, da Universidad Central de Venezuela (UCV), considerou a universidade um espaço ideal para exercitar a cidadania. "É a partir do investimento no capital humano que se atinge o desenvolvimento social", disse. Preocupação semelhante foi demonstrada pela professora Regina, que defendeu a necessidade de melhores sistemas para reconhecimento de carreiras e diplomas. "É preciso maior eficácia", solicitou.

Disposto a buscar parâmetros comuns sobre os conceitos de universidade, integração e desenvolvimento, Arcadio Nogales também refletiu sobre os elos atuais entre os setores go-

vernamental, empresarial e universitário. "Conhecimento e informação são essenciais no atual mundo de produção global", disse. "A ameaça é não saber para onde estamos indo nesta época de mudanças", alertou Vilma, defensora de estudos multidisciplinares sobre os caminhos da universidade na atual era de globalização da economia (veja quadro).

Na sessão de encerramento do seminário, apontou-se a necessidade de incentivar o funcionamento de redes de informação para compartilhar conhecimento. Foram também divulgados os próximos planos da AUIP: maior divulgação da entidade e aproximação junto a órgãos públicos de financiamento para incentivar o Programa de Doutorados Cooperativos, nova linha de ação coordenada por Arthur Roquete de Macedo, ex-reitor da UNESP. "Os debates foram produtivos devido aos numerosos pontos de vista. É na diversidade que se faz a universidade", declarou Ribeiro, ciente de que a aproximação entre América Latina e Caribe mantém, hoje, em sua essência, a mesma complexidade enfrentada por Simón Bolívar em suas fracassadas tentativas integracionistas no século XVIII.

Oscar D'Ambrosio

Quase 500 anos de luta

DIFICULDADE
Vilma, da Venezuela: dogmatismo da Igreja



Montecarlo Richier

De acordo com os participantes do seminário "O papel da universidade e da pós-graduação nos processos de integração econômica regional", um dos motivos da dificuldade de integração entre os cursos de pós-graduação das diferentes universidades da América Latina e do Caribe é a origem conservadora das instituições de ensino superior da região. "A influência do dogmatismo da Igreja nas primeiras universidades latino-americanas ainda é marcante, dificultando mudanças", avaliou Vilma Petrash, da UCV, fundada em 1825.

Seguindo o modelo francês, napoleônico (cátedras vitalícias e burocratização do ensino), as universidades chegaram à América Latina, em 1538, graças à criação, por bula papal de Paulo III, da Universidad Autónoma de Santo Domingo, na República Dominicana. "Apesar das crises políticas e econômicas motivadas pelo subdesenvolvimento, a universidade, por ser altamente adaptável, conseguiu sobreviver na América Latina", disse a docen-

te venezuelana.

Reitor da Universidad Nacional de Ingeniería, Javier Sota Nadal, presente ao seminário, lembrou que Lima abriga a instituição de ensino superior mais antiga da América do Sul, a Universidad Nacional Mayor de San Marcos, fundada em 1551. Lamentou, porém, que esse pioneirismo não leve as autoridades locais a valorizar as universidades. "Elas são marginalizadas pelo poder público de meu país", denunciou.

Os participantes do evento concordam, no entanto, que o descaso do poder público pela universidade não é privilégio deste ou daquele país. "As instituições superiores latino-americanas não podem apenas ficar se lamentando. Precisam ser socialmente relevantes e compreender as megatendências e megatransformações contemporâneas. É o único caminho para que possam sobreviver ao desafio da globalização", alerta Vilma.

(O.D.)



Alunos vão a julgamento

Eles simulam, em laboratório, papéis de réus, vítimas e testemunhas.

Contemplado com a nota máxima no provão da Capes, realizado em novembro de 1996, o curso de Direito da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) do câmpus da UNESP de Franca dá mais um passo para consolidar sua posição entre os melhores do País. No último dia 22 de maio, foi inaugurado na faculdade o Laboratório Jurídico, um dos únicos do Estado, onde os futuros advogados do 4º e 5º anos poderão ensaiar audiências e representar o papel de juiz, advogado, vítima, réu, júri e testemunha.

O local é um plenário de 120 m², aparelhado como uma sala de audiência convencional e com capacidade para uma platéia de 50 pessoas. "Nos baseamos em fatos reais, usando os autos originais dos processos, e passamos por todas as etapas de um julgamento", explica o professor Hélio Borghi, presidente da comissão co-



Departamento de Direito Privado

TRIBUNAL
Simulação de audiência: fatos reais e processos originais

INOVAÇÃO

A instalação do laboratório atende à portaria 1886/94 do Ministério da Educação, que promoveu uma reestruturação em todos os cursos jurídicos. Entre as

ordenadora do Núcleo Jurídico e coordenador do estágio do Departamento de Direito Privado da FHDSS. "Fazemos ensaios e, durante a audiência, um professor orienta e corrige os alunos."

inovações, a portaria obriga as escolas de Direito a criarem em seus cursos o núcleo jurídico, que é dividido em três setores: estágio supervisionado, atendimento à comunidade e laboratório jurídico. "Agora temos condições de nos aproximarmos da prática forense, sentindo com mais realismo o que é uma audiência de verdade", comenta a quintanista Barbara Mourão dos Santos, 23 anos.

A primeira simulação realizada no Laboratório Jurídico tratou de uma colisão no trânsito. A segunda, no dia 12 de agosto, aborda um homicídio. "Pretendemos fazer, durante o período letivo, duas audiências simuladas mensais", informa Hélio Borghi. "É intenção da coordenação do curso permitir a participação também de alunos de outros anos nas audiências, mas por enquanto eles atuam apenas como platéia."

PEDAGOGIA

Alfabetizadores dialogam via Internet

Educadores trocam experiências por meio de boletim eletrônico

SITE
Zilá: 2.500 visitas ao Boletim Educação

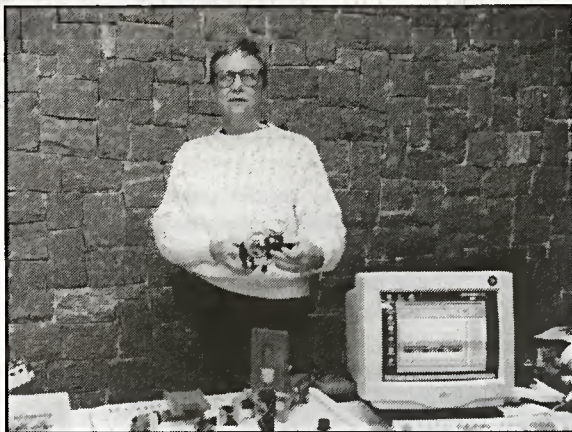
Ao que tudo indica, a escola unicamente de giz e de lousa está com os dias contados. Ciente disso, em fevereiro último, a educadora Zilá Aparecida P. Moura e Silva, docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP, câmpus de Bauru, atendeu, via Internet, o *Boletim Educação*, um canal para troca de experiências entre alfabetizadores. "É um espaço aberto para que o professor encontre materiais e elementos para discutir suas práticas, expressar suas idéias, contar suas experiências e socializar suas ansiedades", diz.

O site já recebeu mais de 2.500 visitas, confirmando a importância do tema e a necessidade de materiais específicos sobre o assunto. "Na Internet, as possibilidades de acesso

são mais amplas, permitindo a consulta de pessoas de todo o País", argumenta a docente. Ela informa ainda que Educação Especial, Informática e Educação Ambiental, entre outros, são assuntos que reúnem projetos e experiências bem-sucedidas que os alfabetizadores devem conhecer para poder aplicar em sua prática profissional.

EXPERIÊNCIA

Com mais de 35 anos de experiência na área de alfabetização, Zilá acredita que atividades como escrever histórias, ler músicas, montar cartazes ou, simplesmente, colocar a data na lousa podem ser eficazes no ensino das primeiras letras. Seu ponto de vista já era



Monico Richter

bastante claro quando, em dezembro de 1989, durante o primeiro Encontro de Alfabetizadores, realizado no câmpus da UNESP de Bauru, houve o lançamento do primeiro *Boletim Educação*.

Publicado com tiragem de mil exemplares, o boletim surgiu para estimular estudos pedagógicos. Paralelamente, o trabalho da educadora continuou com experiências em alfabetização realizadas, em 1992, em Piratininga

(SP) e, a partir do ano seguinte até o final de 1996, nas cidades de Macatuba e Lençóis Paulista. "Foram muitas palestras, convenções e trabalhos de acompanhamento, além de três livros", recorda Zilá.

A pedagoga considera a Internet um espaço ideal para debates. "O importante é que os professores percam o medo do computador". Nesse sentido, o *Boletim Educação* funciona como um passo na modernização do processo didático dos professores. "Vídeos e discos, mesmo conhecidos há tempo, são ainda pouco utilizados em sala de aula", constata.

Convicta de que o professor/alfabetizador deve ter uma participação ativa e competente na elaboração dos projetos de ensino, Zilá considera seu trabalho um passo importante na aproximação entre a pesquisa acadêmica e o trabalho prático em sala de aula. "O *Boletim Educação* via Internet é uma prova de que a Universidade não pode negligenciar sua responsabilidade no processo de mudança do paradigma da educação básica".

Maiores informações podem ser encontradas no site <http://w.w.w.bauru.unesp.br>

ORÇAMENTO

Dinheiro contado

Recursos permanecem inalterados

As universidades estaduais paulistas continuarão recebendo, em 1998, o mesmo percentual da arrecadação do ICMS que recebem este ano. Apesar de toda a mobilização das universidades e das reuniões do Fórum de Diretores da UNESP com deputados, a Assembleia Legislativa de São Paulo aprovou, na madrugada do dia 2 de julho passado, a nova Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) do governo do Estado, na qual está estipulado esse índice. Deste percentual, caberá à UNESP, como em anos anteriores, 2,3447%. O projeto aprovado foi encaminhado ao governador Mário Covas, que tem 45 dias para apreciá-lo e, depois, sancioná-lo ou vetá-lo, o que não deverá ocorrer, porque não houve mudanças significativas na proposta encaminhada pelo próprio governo.

A diferença em relação à LDO aprovada no ano passado é que a deste ano não contém nenhum dispositivo que limite

o montante dos valores absolutos repassados aos do ano anterior. Mas isso não representa a vantagem que aparenta. Na verdade, os 9,57% deverão incidir sobre um valor absoluto menor do que o deste ano. Isso porque a arrecadação do Estado deverá cair 5% em relação a 1996, por causa da Lei Kandir, que isentou de ICMS os produtos primários e semi-elaborados destinados à exportação.



Monico Richter

PLENÁRIO
Apesar da mobilização, o percentual é o mesmo

GRADUAÇÃO

Noite de programas

Ciências da Computação, em período noturno.

No início de julho, foi aprovada a criação de mais um curso noturno na UNESP. Trata-se de Ciências da Computação, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus de Rio Claro. "O curso, antes oferecido apenas em período integral, era um dos mais concorridos da Universidade, com 30 candidatos por vaga", comenta

Silvio Carlos Brey, diretor do IGCE. "Com o desmembramento, teremos mais condições de atender à demanda."

Com a iniciativa do IGCE, os cursos noturnos ganham, no total, mais 179 vagas, que já serão oferecidas no Vestibular da UNESP de 1998. Veja, no quadro abaixo, as alterações nos cursos oferecidos no período noturno:

CURSO	UNIDADE	1997	1998
EXATAS			
Ciências da Computação	IGCE - Rio Claro	curso novo	30
Física	FC - Bauru	20	30
Matemática	Ibilce - S.J. Rio Preto	40	45
Química	IQ - Araraquara	20	30
Sistemas de Informação	FC - Bauru	30	40
HUMANAS			
Desenho Ind. (Program. Visual)	FAAC - Bauru	25	30
Desenho Ind. (Projeto do Produto)	FAAC - Bauru	25	30
Ed. Artística (Artes Plásticas)	FAAC - Bauru	25	30
Geografia	IGCE - Rio Claro	novo	40
Letras	Ibilce - S.J. Rio Preto	30	34
Serviço Social	FHDSS - Franca	35	45
BIOLÓGICAS			
Ciências Biológicas	IB - Botucatu	novo	20
Ciências Biológicas	IB - Rio Claro	novo	25

Fogueira histórica

Justiça autoriza incineração de documentos arquivados em comarcas de todo o Estado

Como numa espécie de Inquisição extemporânea, onde se queimam não hereges, mas registros de fatos históricos, um Provimento do Conselho Superior de Magistratura (CSM), publicado no *Diário Oficial do Estado-Justiça* no último dia 18 de fevereiro, colocou historiadores em estado de alerta máximo. Embora o tal Provimento, de número 556/97, que regulariza a destruição física de autos de processos arquivados há mais de cinco anos nas comarcas da Capital e do Interior, esteja momentaneamente suspenso por liminar obtida pela Associação de Advogados de São Paulo (AASP), a reação se justifica. "Esses documentos são de inestimável valor para o historiador", inquietta-se Anna Maria Martínez Corrêa, coordenadora do Centro de Documentação e Memória da UNESP, Cedom.

Milhares desses processos, espalhados por todo o Estado, correm o risco de ser transformados em aparas de papel ou cinzas nos próximos meses. Em Araraquara, a queima já começou. Os documentos das Primeira e Segunda Varas do Poder Judiciário, que abrangiam o período 1981-1991, foram queimados em 6 de junho último. "Foi uma perda importante e irreversível, até pela angustiante incerteza de não se saber exatamente o que foi destruído", diz o historiador Rodolpho Telarolli, professor aposentado do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.

MEMÓRIA

Documento jurídico que baixa uma determinação administrativa, o Provimento argumenta que a queima de documentos se deve à falta de espaço nos fóruns e ao alto custo da manutenção dos autos. Esclarece ainda que "ficam excluídos da destruição física todos os autos cujo interesse histórico seja comprovado por entidade regularmente instituída, ou por deliberação do CSM". Surge então a dúvida do critério a ser usado para determinar o que tem valor histórico e o que não tem. "Por isso, o Cedom está reivindicando ao Poder Judiciário que profissionais gabaritados sejam chamados para estabelecer normas técnicas para o descarte de material", diz Anna Maria.

Há cidades, porém, que vêm se organizando há anos para conservar sua memória. Em Franca, por exemplo, a situação está sob controle. Desde 1989, os Tribunais de Justiça enviam os processos encerrados ao Arquivo Histórico Municipal Capitão Hipólito Antonio Pinheiro, que abriga cerca de 5.400 caixas de material. "Autoridades de Barretos também nos procuraram para armazenar documentos, mas tivemos que negar pela ausência de espaço", constata o historiador José Chiachiri Filho, diretor da instituição.

No período entre 1991 e 1996, a situação em Assis esteve sob controle graças a um convênio, hoje em processo de renovação, entre o Fórum Municipal e o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. O re-

sultado foi a salvação de mais de 170 mil processos do período 1890 a 1980. "Sem esse material, meu mestrado teria sido inviável", atesta a historiadora do Cedap Marlene Aparecida de Souza Gasque, que defendeu a dissertação *Amores ilícitos. Discursos sobre a moral e a sexualidade feminina em crimes de sedução. Co-*

marca de Assis — 1940-1968. "Li cerca de dez mil processos para usar 72. Foi cansativo, mas fascinante", lembra.

PRECEDENTE

Piras alimentadas com documentos históricos não são novidade no Brasil. Quando Ministro da Fazenda (1889-1891), Rui Barbosa mandou para a fogueira

toda a documentação relativa à escravidão. Por isso, José Chiachiri Filho considera a deliberação atual do CSM duplamente condenável. "Tendo em vista os precedentes históricos, a deliberação atual torna-se ainda mais grave, por ser reincidente. Sem documentos não se faz história. Perdemos nossas raízes e não podemos compreender o passado", diz.

Não é de hoje que o acúmulo de documentos inquieta as comarcas. Desde 1987, por exemplo, o Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, 2ª região, vem encaminhando para usinas de reciclagem de papel processos arquivados. Estima-se que 700 mil autos já foram destruídos. O historiador Héctor Luis Saint-Pierre, Chefe do Departamento de Estudos Históricos Básicos da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca, lamenta a situação. "É necessário que esse material seja repassado para quem se habilite a mantê-lo em condições de consulta", pede.

A mobilização de historiadores da Capital e do Interior chegou aos ouvidos da AASP e resultou na liminar que, por enquanto, impede a fogueira histórica. "Podemos ficar tranquilos por algum tempo", diz, aliviado, Telarolli. O presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Yusef Said Cahali, que assina o Provimento, e o advogado José Rogério Tucci, membro da AASP que está acompanhando o caso, preferem não se manifestar até que a Justiça chegue a uma conclusão sobre o que fazer com os autos de processo que se acumulam por todo o Estado.

Telarolli, porém, não deixa que o assunto seja esquecido. Além de frisar que a documentação reunida em Araraquara é de especial importância, já que inclui autos de São José do Rio Preto, São Carlos, Jaboticabal e Rio Claro, chegou a mandar trovas bem-humoradas às autoridades judiciárias locais. Nelas, alega que, "No processo judicial/O homem deixa memória/De um tempo imemorial/E faz assim sua história". E conclui: "Desculpem a rima torta/De poeta desastrado/Que não quer a história morta/Com processo incinerado".

Oscar D'Ambrosio



CRITÉRIO

Anna Corrêa, do Cedom: normas técnicas para o descarte do material

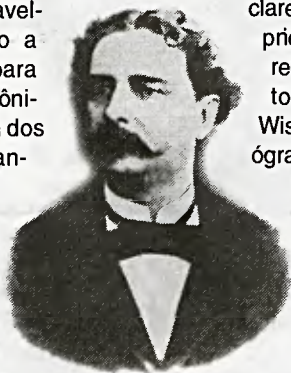
Livre das chamas

Documentos jurídicos costumam ser fontes inestimáveis para historiadores. O testamento, escrito em 1848, por Antonio Francisco Lopes, pai de Inocência, a moça que provavelmente serviu de inspiração a Visconde de Taunay (foto) para o romance regionalista homônimo, publicado em 1872, é um dos documentos mais interessantes guardados no Arquivo Histórico Municipal de Franca, que recebe em média 120 consulentes por mês e começará seu processo de informatização em 1998. "Essa ação diminuirá a necessidade de espaço físico", afirma Chiachiri Filho.

Os documentos arquivados em Assis igualmente são o ponto de partida para numerosos projetos de iniciação científica,

dissertações e teses. "Funcionários do Fórum municipal também buscam no Cedap processos, principalmente sobre invasão ou divisão de terras que podem esclarecer posses ou limites de propriedades", conta Marlene Aparecida de Souza Gasque. Doutorando da Universidade de Wisconsin, Madison (EUA), o geógrafo norte-americano Christian Brannstrom, ao estudar a degradação ambiental e mudanças na agricultura no Oeste Paulista entre 1900-1980, também se vale de inventários e processos criminais sobre divisão de terras guardados no Cedap. "A documentação jurídica preservada em

Assis permite chegar a novas conclusões sobre a agricultura, a vida rural e o ritmo das mudanças ambientais", diz. (O.D.)



ECOLOGIA

Na praia, para refletir sobre o meio ambiente.

Centro oferece atividades monitoradas em São Vicente

A Estação de Pesquisa e Educação Ambiental Paranaçuã, localizada na praia de mesmo nome, em São Vicente, na Baixada Santista, transformou-se em um importante recurso complementar no processo de aprendizagem de escolares sobre o meio ambiente. A estação, mantida por um convênio entre o Centro de Pesquisas do Litoral Paulista (Cepel), da UNESP, e a Marinha do Brasil, está oferecendo, desde o final de 1996, uma programação com cinco alternativas de atividades monitoradas para escolas, desenvolvidas na própria praia. "O trabalho objetiva promover, por meio de uma ação agradável, a reflexão dos jovens sobre suas

atitudes diárias, percebendo relações entre os seres vivos e os diferentes ambientes", explica Dácio Roberto Matheus, engenheiro agrônomo da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e que presta serviços no Cepel.

Os professores interessados em levar seus alunos — no máximo 40, a partir da 5ª série — entram em contato com a coordenação do programa no Cepel e escolhem um dos cinco roteiros disponíveis, cada um deles com um tema específico. Entre eles estão *Nossa atitude com relação ao lixo na Baixada Santista*, *A importância da água na trilha da mata e Trilha da Mata Atlântica*. Se quiserem, podem sugerir um tema opcional, que será avaliado pela organi-



EDUCAÇÃO
Praia da Vaca, na Baixada Santista: "sala de aula" privilegiada

zação. "Antes de levarem seus alunos, os professores irão à estação e receberão instruções sobre as atividades de cada tema", diz Matheus.

Paranaçuã, também conhecida por Praia das Vacas, guarda algumas particularidades que tornam propícias atividades ligadas ao meio ambiente. "O local é próximo do centro da cidade, não é aberto à população, é um raro

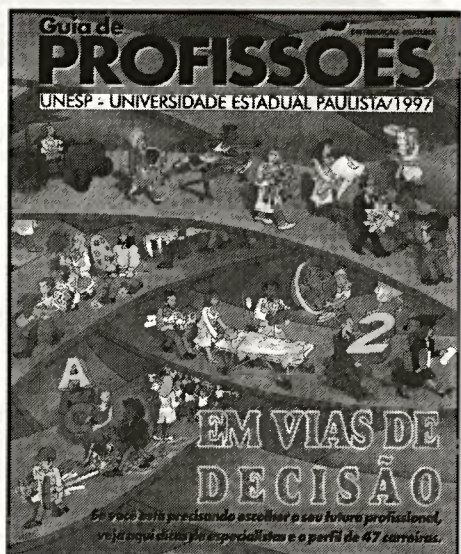
local de pouso de aves migratórias na região e guarda um dos últimos remanescentes da Mata Atlântica destacada da Serra do Mar", descreve Matheus. As atividades são realizadas três vezes por semana, durante o período letivo. Há sempre um monitor do Cepel acompanhando cada grupo. Maiores informações pelo telefone (013) 469-7682.

Monica Richter

VESTIBULAR

Ficou mais fácil escolher

Guia de Profissões descreve 47 carreiras e explica tendências de mercado



É freqüente o pânico tomar conta do estudante às vésperas do vestibular. Além do receio de não ingressar na universidade desejada, o vestibulando sofre com a possibilidade de estar optando pela profissão errada. A insegurança na hora da escolha decorre principalmente da falta de informação a respeito dos cursos e das perspectivas que o mercado de trabalho oferece para cada um deles. Nesse sentido, a sexta edição do *Guia de Profissões*, lançado pela UNESP no dia 11 de agosto, é um valioso instrumento. Destina-se a auxiliar quem ainda não escolheu uma carreira ou àqueles que já fizeram a opção mas querem ampliar o seu conhecimento na área.

O guia traz a descrição das 47 carreiras de nível superior que a Universidade oferece, dicas de especialistas em orientação

profissional e depoimentos de empresários sobre as tendências do mercado e as qualidades valorizadas nos profissionais. A publicação informa ainda ao vestibulando o perfil que os candidatos às carreiras em Biológicas, Exatas e Humanas devem possuir. Um depoimento exclusivo do escritor Marcos Rey, renomado autor de literatura infanto-juvenil, também ilustra as páginas do guia, que conta com capa em papel couchê, miolo quatro cores e 124 páginas.

VÍDEO

Os 300 mil exemplares deverão ser distribuídos, gratuitamente, pela Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp). Uma equipe de 80 professores da Universidade deverá percorrer as salas de

aula da última série do segundo grau de estabelecimentos da Capital e do Interior.

O *Guia de Profissões* será distribuído a um público estimado em 150 mil estudantes. Eles também irão receber folhêres e assistir a um vídeo sobre a Universidade. Outros 60 mil candidatos deverão receber a publicação pelo correio. "Não queremos que nenhuma escola de segundo grau fique sem ter acesso às informações do guia", explica Carlos Felício Vanni, diretor presidente da Vunesp. Será reservada ainda uma quota aos diretores das unidades da UNESP, que farão a distribuição da revista a escolas de sua região. Em Brasília, Curitiba e Uberlândia os escritórios da Vunesp estarão preparados para atender aos interessados em adquirir o guia.

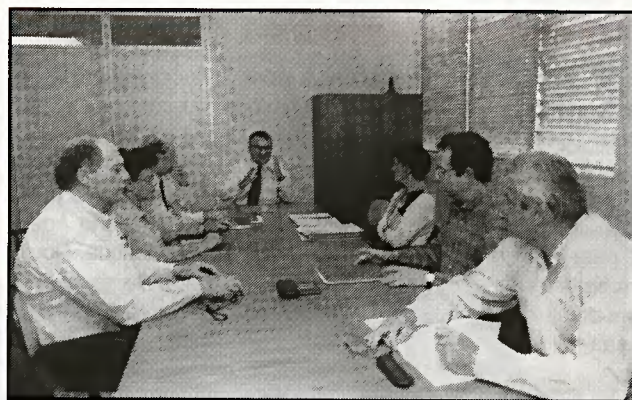
PUBLICAÇÕES

Periódicos serão avaliados

Obras terão controle acadêmico e seguirão normas editoriais

Embora a UNESP conte hoje com 19 periódicos científicos, entre revistas e boletins editados pelos numerosos departamentos, não existem controles acadêmicos ou normas editoriais unificadas para regular seus critérios editoriais, estéticos e de periodicidade. Por isso, com o intuito de estabelecer os procedimentos e medidas necessárias para viabilizar a avaliação global e particular desse material, a Comissão Especial para a Avaliação dos Periódicos Publicados pela Editora UNESP teve sua primeira reunião, em 15 de julho último, na Reitoria da Universidade, em São Paulo. "Há uma grande expectativa em torno de nossas conclusões", diz Antônio Celso Wagner Zanin, assessor do setor de publicações e eventos da Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (Prograd) e presidente da comissão.

No final de 1995, a Universidade, sentindo o problema, já havia solicitado à Fundação de Amparo e Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) uma avaliação dessas publicações. "A grande van-



Monica Richter

AVALIAÇÃO
Reunião da comissão: linhas mestras para novo projeto

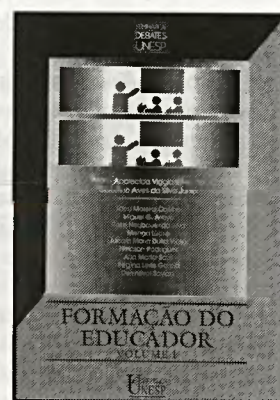
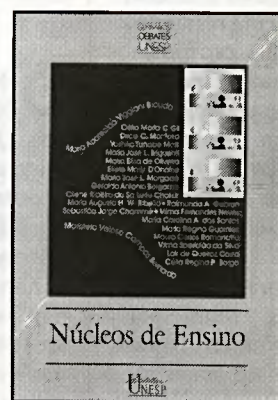
tagem é que, pela primeira vez, foi feita uma consulta externa a um órgão importante, insuspeito e de alto gabarito", afirma Zanin.

As funções da comissão são, justamente, consolidar o diagnóstico e as sugestões existentes na análise procedida pela Fapesp e dar continuidade à avaliação, propondo à reitoria linhas mestras para a elaboração de um novo projeto acadêmico

para os periódicos científicos da Universidade. "Periodicidade, conteúdo e apresentação gráfica foram avaliados e serão re-discutidos", informa o presidente.

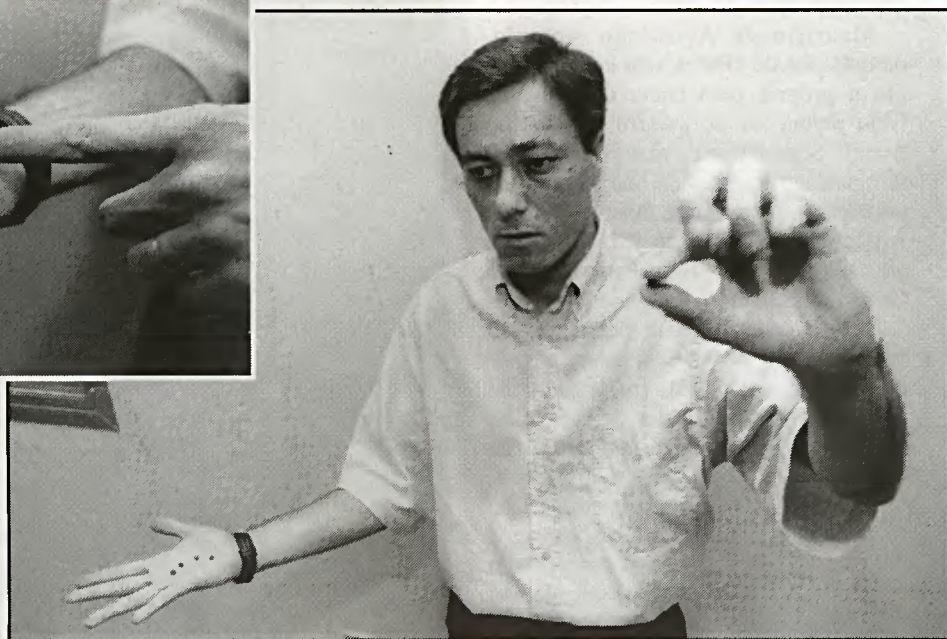
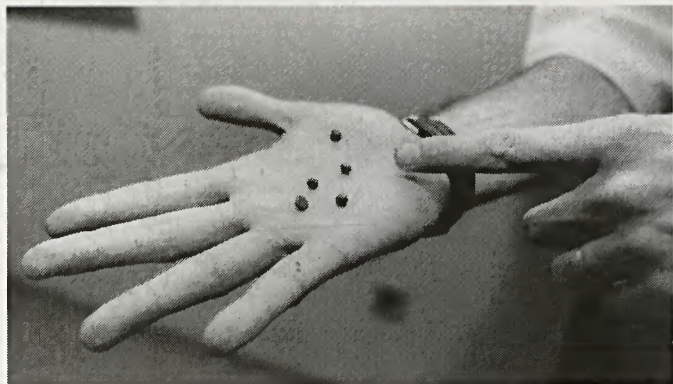
Fernando Mendes Pereira, Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa; Fausto Foresti, presidente da Comissão Permanente de Regime de Trabalho; José Castilho Marques Neto, diretor presidente da Fundação Editora UNESP; Glaucia Maria Oli-

veira Barbosa, coordenadora geral das bibliotecas; e Rosaly Fávero Krzyzanowski, diretora técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, completam a Comissão. "Alguns princípios devem ser seguidos para todas as publicações. Entre eles, a abertura para textos de pesquisadores de outras instituições de ensino e reformulações nos critérios das comissões de editoração", adianta o assessor.



Chumbo grosso

Estudo pioneiro comprova que, ao contrário do que se pensava, resíduos de chumbo alojados no corpo causam males físicos e desequilíbrios emocionais.



Fotos: Monica Richier

FOGO CRUZADO
Teraoka e os projéteis:
medições periódicas da taxa
de chumbo no organismo

A tarde do dia 20 de janeiro deste ano tornou-se inesquecível para o industriário Douglas Teraoka, 32 anos. Pudera, quase foi a última que viveu. Tomado como refém em um assalto à empresa onde trabalha, no município de Diadema, viu-se, de repente, frente a um fogo cruzado. Acabou levando um tiro de escopeta, calibre doze. O projétil, que se divide em doze, atingiu seu corpo em nove pontos. Hospitalizado, Teraoka voltou ao batente duas semanas depois. Do episódio, guarda algumas cicatrizes e dois fragmentos de chumbo, que deverão ficar permanentemente alojados no cotovelo direito e na perna esquerda. “O médico me disse que, para não prejudicar órgãos importantes, não iria tentar retirá-los”, lembra. “Fui informado de que isso não comprometeria minha saúde.”

Como Teraoka, um grande número de pessoas convive com projéteis encravados no corpo, tranquilizadas pelos médicos de que as balas ficarão ali para sempre, quietinhas, sem causar danos. Esta crença, porém, começa a ser abalada. Estudos realizados por especialistas do Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox), unidade auxiliar do Instituto de Biociências (IB) do câmpus da UNESP de Botucatu, têm demonstrado que o chumbo presente nas balas de armas de fogo se decompõe em quantidades microscópicas. Espalhando-se pelo corpo, as micropartículas provocam problemas semelhantes aos registrados em intoxicações convencionais.

METAL PESADO

O chumbo é um metal largamente usado na indústria. A facilidade com que pode ser trabalhado e sua resistência a ácidos e à água o indicam na fabricação, por exemplo, de tintas, baterias, inseticidas, vidros, solda, encanamentos, coberturas de telhas e calhas e revestimento de equipamentos industriais — além de balas para armas. Para o organismo, porém, só traz consequências danosas. Sem nenhum valor biológico, é altamente tóxico, podendo comprometer irreversivelmente o sistema nervoso central.

A descoberta da relação entre balas de chumbo alojadas no corpo e intoxicação começou em meados da década de 80. O médico toxicologista Igor Vassilieff, diretor do Ceatox, descobriu que algumas pessoas, feridas por armas de fogo, apresentavam quadros de perturbação neurológica semelhantes aos observados em intoxicações por chumbo. “A única ligação das pessoas com o metal era devida a balas ou partículas de chumbo que permaneciam em seus corpos”, lembra o especialista. “Daí concluímos serem os projéteis os responsáveis pelos problemas, situação até então inexistente na literatura científica.”

O tratamento dado aos pacientes foi à base de medicamentos chamados queladores, os mesmos normalmente usados em

intoxicações por chumbo comuns. Tradicionalmente injetados, os queladores adquiriram a forma de comprimidos, produzidos na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) do câmpus da UNESP de Araraquara. Também foram usados alguns tipos de aminoácidos. “Os níveis de chumbo foram aos poucos eliminados pela urina, até desaparecerem”, explica Vassilieff.

PESQUISA

Apesar dos bons resultados, não houve a oportunidade para a elaboração de um artigo. Ou seja, o assunto continuava quase

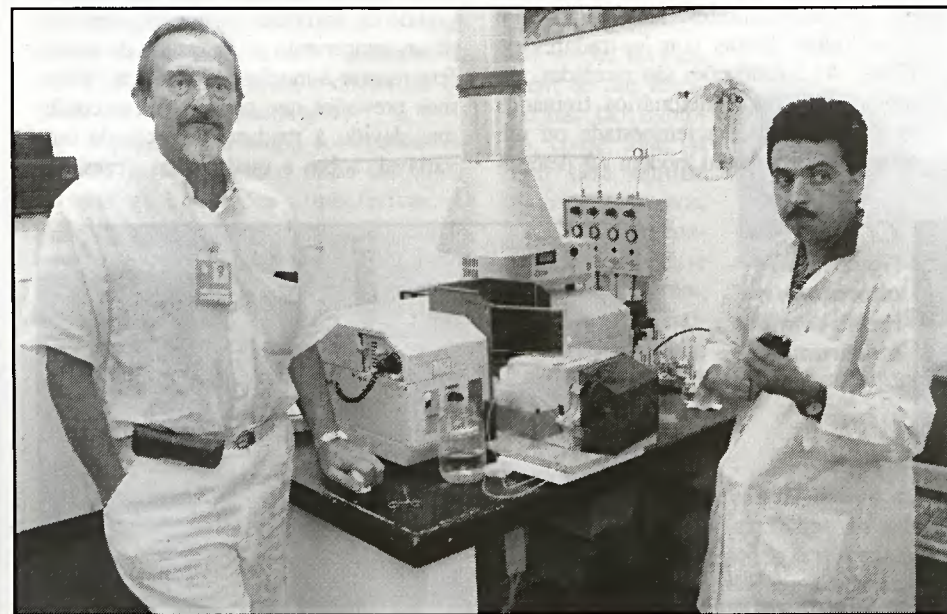
“secreto” e, portanto, pouco divulgado. Até que o médico Juang Horng Jyh, graduado pela FM e assíduo colaborador de Vassilieff, decidiu fazer sua dissertação de mestrado abordando o assunto. Sob a orientação de Vassilieff, o trabalho foi apresentado e aprovado em novembro de 1996.

Juang Jyh, intensivista infantil e atualmente auxiliar de ensino do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina do ABC, em São Bernardo do Campo (SP), levou cinco anos para concluir sua pesquisa. Durante a feitura do trabalho, contou com pacientes tratados pelo Hospital do



INVESTIGAÇÃO

Juang Jyh: trabalho inovador em dissertação de mestrado



BALA NO CORPO

Vassilieff (à esq.) e Almeida, do Ceatox: perturbação neurológica

Jabaquara, onde fez residência.

A partir das pranchetas do hospital, conseguiu localizar algumas pessoas que ainda tinham balas alojadas no corpo. No total, nove submeteram-se a exames clínicos, enquanto quatro delas aceitaram fazer o tratamento e participar da pesquisa. “Além do sangue e da urina, tínhamos que investigar a quantidade de chumbo presente no líquido, substância retirada da coluna de cada paciente e muito importante para o diagnóstico”, lembra Jyh.

DORES E IRRITAÇÃO

Os pacientes tratados carregavam balas no corpo há três ou quatro anos. Todos apresentavam queixas ligadas à intoxicação por chumbo. Os sintomas típicos são dores nas articulações e nos músculos, irritabilidade excessiva, pressão torácica, tremor muscular, alteração de sono, dores de cabeça, diminuição de apetite, queda de cabelo, falta de concentração, desconforto gástrico e até impotência sexual. “O grau de comprometimento é ainda maior nos casos de tiros por espingarda, quando as partículas de chumbo atingem uma área maior do corpo”, acentua Jyh. A avaliação clínica, feita no laboratório do Ceatox, apontou taxas de chumbo nas amostras de sangue e de líquido acima do normal.

O aparelho usado para medir as taxas de chumbo é um espectrofotômetro de absorção atômica. “O equipamento faz toda a análise de material inorgânico, a partir do sangue, urina e líquido”, informa o farmacêutico bioquímico Almor Aparecido de Almeida, pesquisador do Ceatox. “Infelizmente, é um equipamento caro e inacessível aos centros de saúde”, frisa.

CÉREBRO

A fase atual dos estudos dos pesquisadores do Ceatox investiga o comprometimento causado por balas de chumbo alojadas próximo ao cérebro. “Estamos avaliando o grau de prejuízo provocado por balas localizadas próximas a partes neurológicas”, diz Almor de Almeida. Este trabalho, feito com cobaias, conta com a participação do neurologista Bonfim Alves Silva Júnior, da Faculdade de Medicina da USP.

Baseados em estudos, os especialistas aconselharam Douglas Teraoka a fazer, no máximo em dois anos, um exame clínico que revele a taxa de chumbo no seu organismo. “Este é o período em que os sintomas da intoxicação começam a surgir”, explica Jyh. Sem a possibilidade de extração das balas, o correto será fazer o tratamento durante pelo menos um mês, todos os anos. “Mas garanto que, apesar dos inconvenientes, ele levará uma vida completamente normal”, aposta Vassilieff. Para isso, porém, Douglas terá que se dirigir ao Ceatox, em Botucatu. O local é o único, no País, adequadamente aparelhado para as avaliações clínicas e indicação correta dos medicamentos.

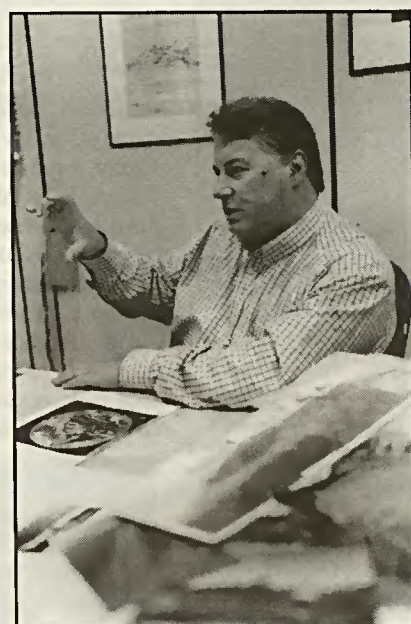
Waltair Martão

Pintou um clima

Tornados, estiagens, temperaturas de verão em pleno inverno. Afinal, que tempos são esses?

WALTAIR MARTÃO

Furacões, tornados, terremotos, vulcões... O Brasil sempre assistiu de uma distância confortável a essas violentas manifestações da natureza. Cidades destruídas, solos rachados, árvores arrancadas pela raiz e lançadas ao ar, embarcações naufragadas, tudo isso sempre foi visto, pelos brasileiros, apenas em noticiários. Em uma sexta-feira 13 do último mês de junho, porém, a população de uma pequena cidade paranaense, Nova Laranjeiras, descobriu, de maneira dramática, que o paraíso também escondia seus perigos. Um violento e inesperado tornado demoliu, em poucos minutos, 350 casas, arrancou árvores, cortou linhas telefônicas, água e luz e deixou 72 pessoas hospitalizadas. Quatro morreram. Poderia ter sido pior. Duas semanas antes, cataclisma semelhante matara pelo menos 30 pessoas e deixara outras 50 feridas no sul dos Estados Unidos.



CATACLISMA
Maurício: difícil previsão

O tornado de Nova Laranjeiras não foi, à época, o único fenômeno meteorológico atípico no País. Em São Paulo, os paulistanos tiveram de esperar um pouco mais para tirar casacos e cobertores do armário. Em pleno inverno, a ex-terra da garoa e do frio chegou a experimentar temperaturas acima de 26 graus centígrados, o que não é comum no período. Processo da natureza que, mais do que qualquer outro, influi sobre nosso dia-a-dia, o tempo parece, nos últimos anos, querer colocar de pernas para o ar a vida das pessoas e em descrédito as previsões dos meteorologistas.

DIVULGAÇÃO

O clima normalmente permanece mais ou menos constante e as grandes variações só são percebidas ao longo dos tempos geológicos, que se medem em milhares de anos. Será, então, que estamos vivendo um novo tempo? "Não", garante José Carlos Figueiredo, meteorologista do Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet) do câmpus da UNESP de Bauru. "Alterações na rotina do tempo sempre existiram. Acontece que atualmente os instrumentos usados pela meteorologia são mais precisos e os meios de comunicação estão tendo mais

elementos e interesse em divulgar os acontecimentos do clima", explica. Maurício de Agostinho Antonio, pesquisador do IPMet, cita como exemplo a própria ocorrência de tornados (veja definições no quadro abaixo) no Brasil. Segundo ele, esses fenômenos são mais corriqueiros do que se imagina, principalmente em uma faixa que vai da Argentina ao Oeste de Minas Gerais, passando por São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, em áreas onde há confluência de ventos. O pesquisador, por sinal, foi testemunha ocular de um deles. Em setembro de 1991 fotografou, pela primeira vez no Brasil, os estragos provocados por um tornado, que deixou um rastro de 18 quilômetros de destruição em uma área de reflorestamento no município de Lençóis Paulista. "No Brasil, o fenômeno costuma acontecer em regiões agrícolas e florestas que, em geral, aparecem pouco nos noticiários", comenta Maurício.

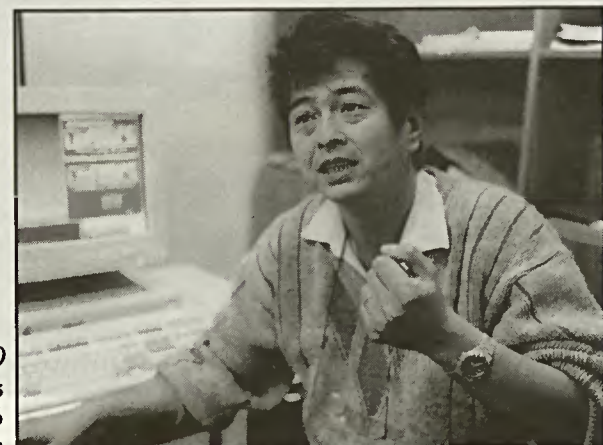
Com Nova Laranjeiras, porém, aconteceu o contrário. O perímetro urbano é que foi devastado. O mesmo tem ocorrido nos últimos cinco anos em cidades paulistas como Itu, Ribeirão Preto e Botucatu. De acordo com Maurício, a ocorrência deste tipo de evento recomenda o estabelecimento de esquemas de vigilância para a prevenção do fenômeno por meio de alertas de tempo com o uso de radares. "É difícil prever quando um tornado ou uma forte tempestade vão acontecer", comenta. "É impossível contê-los, mas os equipamentos meteorológicos atuais permitem que se possa observar minuciosamente seu deslocamento e colocar as autoridades em alerta."

Este rastreamento é feito pelo IPMet por intermédio de radares instalados em Bauru e Presidente Prudente. Sua área de monitoramento cobre os Estados de São Paulo e Paraná, Sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro, além do Sudeste de Mato Grosso do Sul (leia mais sobre o IPMet no quadro abaixo). A Coordenação Geral de Defesa Civil, localizada no Palácio dos Bandeirantes, na Capital, tem duas linhas diretas com os radares do IPMet. As informações são recebidas, em tempo real, por funcionários treinados pelo instituto. Uma tempestade ou um tornado, por exemplo, podem ser detecta-

dos e acompanhados pelos monitores, permitindo que as autoridades municipais sejam informadas e possam se preparar para suas consequências.

ESTATÍSTICA

A meteorologia é a ciência que estuda os fenômenos ocorridos na atmosfera. Sua influência é marcante sobre as pessoas e pode acarretar prejuízo ou sucesso em atividades agrícolas, comerciais, industriais, econômicas e até sociais. Como esta ciência trabalha com um número grande de variáveis — nuvens, correntes de ar, temperatura —, o estudo da atmosfera recorre à mecânica estatística. "Fazemos previsões que podem não se confirmar devido à mudança abrupta de uma variável, sobre a qual muitas vezes não



CLIMA
Figueiredo: alterações na rotina sempre existiram

EL NIÑO
Sugahara: maiores consequências só no ano que vem

De olho nos caprichos de São Pedro

Os serviços ininterruptos e gratuitos do IPMet

O IPMet, unidade complementar do câmpus da UNESP de Bauru, iniciou suas atividades em 1972. Seu primeiro diretor foi Roberto Vicente Calheiros, que permanece como pesquisador do instituto. Concebido para desenvolver pesquisas e atuar na prestação de serviços à comunidade, o instituto tomou-se um centro de referência na área de meteorologia com radar, no País. "O IPMet opera e dissemina as informações obtidas dos radares Doppler banda-S, de Bauru e de Presidente Prudente, este operado remotamente a partir de Bauru. Os radares cobrem os Estados de São Paulo e Paraná, Sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro e o Sudeste de Mato Grosso do Sul.

Os pesquisadores do IPMet atuam em quatro áreas principais: meteorologia com radar, modelagem do tempo em escala regional, climatologia e camada de Ozônio. Os serviços à comunidade são prestados ininterruptamente. Qualquer usuário pode telefonar ((014) 230-3608) ou contactar o instituto pela Internet (<http://www.ipmet.unesp.br>)



Radar do IPMet: referência

para saber gratuitamente a previsão do tempo em todo o Estado. O IPMet também executa serviços de apoio a empresas públicas e particulares, fornecendo pareceres técnicos e informações meteorológicas para laudos.

O instituto busca ainda dotar o Estado de informações meteorológicas confiáveis, que possam ser disseminadas com a maior antecedência e a melhor resolução espacial possível. Prova disso são os softwares desenvolvidos pelo IPMet, como o VIRA-Visualização de Imagens de Radar, que permite ao usuário acessar e visualizar informações sobre a distribuição de chuvas num raio de 240 km, a partir de Bauru e Presidente Prudente. "O serviço funciona 24 por dia", explica Hermes Augusto França, operador de radar.

O atual diretor do IPMet é o agrônomo Ciro Antonio Rosolen, que assumiu o cargo no dia 2 de julho último, em substituição a Luiz Roberto Trovati. Até então, Rosolen ocupava a chefia do Departamento de Agricultura e Melhoramento Vegetal da Faculdade de Ciências Agronômicas do câmpus da UNESP de Botucatu.

temos controle", explica Maurício. "Por isso, não podemos dizer que lidamos com uma ciência exata, embora trabalhem com as chamadas Ciências Exatas."

Erros, portanto, são esperados, fazem parte do jogo. Mas têm ocorrido cada vez com menos frequência, reduzidos pelo aprimoramento tecnológico aplicado em radares, satélites, computadores e outros equipamentos meteorológicos. "A fase de intuições e observações sem amparo científico é coisa do passado", assegura o engenheiro Luiz Roberto Trovati, do Departamento de Física e Química da Faculdade de Engenharia (FE), câmpus da UNESP de Ilha Solteira, e diretor do IPMet nos últimos quatro anos.

A previsão do tempo começa nas estações meteorológicas, onde são registradas as condições atmosféricas. O IPMet também trabalha com centros meteorológicos espalhados pelo mundo. Pode receber, em seus computadores, imagens e dados climáticos de todo o planeta. As informações mais importantes das estações referem-se a temperatura, pressão, umidade relativa do ar, índice pluviométrico (quantidade de chuva), força e direção dos ventos, quantidade e altura das nuvens, visibilidade. "Temos condições de fornecer, no caso da região captada pelos nossos radares, previsões com até cinco dias de antecedência", explica Figueiredo.

A visão global do clima permite aos pesquisadores do IPMet aumentar a pre-

O tempo e o vento

Efeito estufa, frente oclusa... Sabe o que é isso?

A previsão do tempo costuma vir recheada de termos técnicos que, às vezes, dificultam a compreensão de quem não se satisfaz apenas em saber se amanhã vai chover, esfriar ou fazer calor. Decifre, a seguir, o significado de algumas das palavras mais usadas no jargão meteorológico:

- **Chuvas esparsas:** distribuição homogênea de precipitação, que pode ser intermitente ou contínua;
- **Chuvas isoladas:** chuvas com intensidades diferentes, de caráter local;
- **Efeito estufa:** o excesso de dióxido de carbono na atmosfera, produzido pela queima de carvão e derivados de petróleo, retém o calor, funcionando como os vidros de um estufa, prejudicando o esfriamento da atmosfera;
- **Frente fria:** chegada de uma massa de ar mais fria que a precedente, geralmente acompanhada por pancadas de chuva;
- **Frente oclusa:** encontro de frente fria com frente quente. Geralmente são associadas a ciclones;
- **Furacão, tufão:** ciclone formado sobre mares e oceanos;
- **Inversão térmica:** ocorre quando uma camada de ar frio, mais pesada e sem tendência natural de subir, é sobreposta por uma de ar quente. O ar da cidade fica parado e os poluentes não ascendem. Em casos extremos, a inversão pode se dar ao nível do solo, mantendo poluentes próximos das fontes de emissão;
- **Massa de ar polar:** grande porção de ar em sentido horizontal, neste caso, vinda das regiões polares;
- **Período:** as previsões abrangem um período de 24 horas, válido das 18h às 18h do dia seguinte;
- **Precipitação:** queda de umidade sobre o solo, em forma de chuva, neve ou granizo;
- **Tormenta:** tempestade em alto-mar;
- **Tornado:** redemoinho que nasce quando duas massas de ar, uma quente e outra fria, formam duas espirais e se chocam uma contra a outra;
- **Umidade relativa do ar:** razão entre o conteúdo de vapor d'água do ar e a pressão máxima de vapor a mesma temperatura, expressa em porcentagem.

visão de suas informações. O verão inesperado que a Capital experimentou no início do inverno ilustra bem como os meteorologistas devem estar alertas a detalhes como a temperatura, o movimento e o índice de umidade do ar na atmosfera do País e do mundo para fazer suas previsões. O chamado *veranico*, típico do outono, é consequência da atuação da corrente marítima conhecida por *El Niño*. Ela surge de tempos em tempos devido a um aumento anormal de temperatura na superfície do Pacífico, na altura do Equador. Esta alteração pode ter consequências ao clima, em diversas partes do planeta, principalmente na costa oeste da América do Sul.

No Brasil, os meteorologistas acreditam que *El Niño*, soprando desde maio último e sem data certa para terminar, será o responsável, como geralmente acontece, por grandes secas no Nordeste e tempestades no Sul do País, além de um inverno não tão rigoroso, como, aliás, já tem sido sentido pelos paulistanos. "As maiores consequências desse fenômeno, porém, deverão ser sentidas no próximo ano", prevê Shigetoshi Sugahara, meteorologista do IPMet.

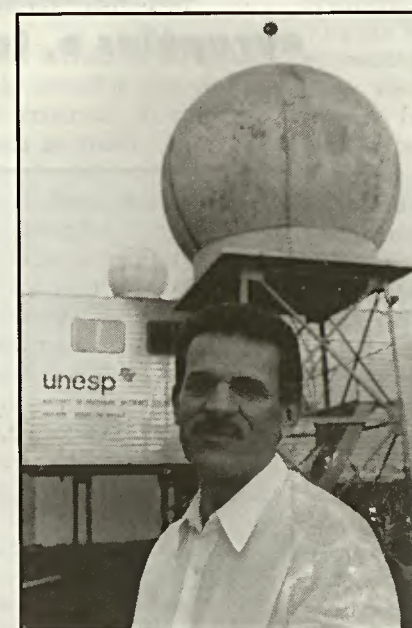
ADAPTAÇÃO

Eventuais mudanças no tempo não ocorrem apenas por caprichos da natureza. Em muitas situações, a responsabilidade é do homem. O clima apenas se adapta às condições a ele impostas. A exploração do solo na cidade de São Paulo, por exemplo, diminui as áreas

verdes. O centro urbano está cada vez mais quente e a permeabilidade do solo, mais comprometida. "A garoa fina e a neblina, que caracterizaram a Capital até duas décadas atrás, sumiram da paisagem e as temperaturas médias subiram bastante", lembra Maurício.

Apesar dos recursos disponíveis, os próprios técnicos do IPMet reconhecem que a meteorologia, no Brasil, ainda está longe da exatidão e que a irritação de pessoas que tomaram a maior chuva quando a previsão assegurava céu azul ainda está longe de terminar. "Aos poucos, o brasileiro tem descoberto a importância da meteorologia, o que leva as autoridades e empresários a investir cada vez mais no setor", diz Trovati. Uma prova dessa tendência é a instalação, no País, do Weather Channel, emissora de canal fechado cuja programação é voltada para a meteorologia, programada para os próximos meses.

Em regiões como América do Norte, Europa e Ásia, o acesso a informações meteorológicas transforma-se em questão de sobrevivência. Nestes locais, até as crianças conhecem os procedimentos de segurança no caso da "visita" de um furacão. Por aqui, a Defesa Civil cuida apenas do rescaldo, para não alarmar a população, totalmente despreparada para enfrentar tragédias naturais. "As autoridades ainda não têm o interesse de criar esta cultura de prevenção, pois, em geral, quem sofre as consequências é a população de baixa renda", critica José Carlos Figueiredo.



TENDÊNCIA
Trovati: investimentos crescentes



A morte do emprego

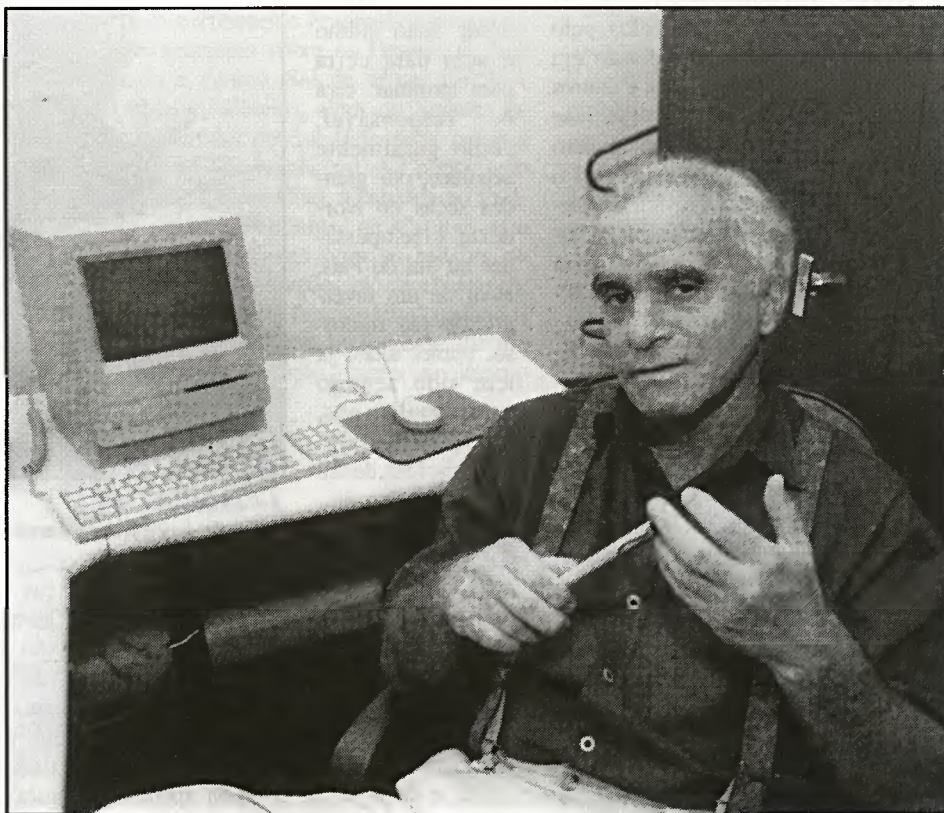
Prevedo um futuro sombrio, onde o caos social será inevitável, O horror econômico chega ao Brasil precedido pelas polêmicas européias e, também aqui, divide os leitores.

OSCAR D'AMBROSIO

Um futuro em que não haverá trabalho e em que os desempregados, por não produzirem, poderão ser sumariamente eliminados. Com esta tese apocalíptica, um livro de pouco mais de 150 páginas vem causando polêmica por onde quer que passe. Lançado em agosto de 1996, na França, *L'horreur économique*, de Viviane Forrester, já vendeu cerca de 330 mil exemplares por lá e ainda desperta acalorados debates nos cafés parisienses.

A repercussão de *O horror econômico* logo se fez sentir no Brasil. Lançado em maio último pela Editora UNESP, vendeu cerca de 11 mil exemplares em dois meses. "Forrester é o caso raro de uma intelectual que cria empatia com o cidadão comum", explica José Castilho Marques Neto, diretor da Editora UNESP, enfatizando que a linguagem da obra, extremamente acessível, é um dos fatores do sucesso do livro em países como Itália, Holanda, Portugal e Argentina.

O ensaio despertou a atenção de Castilho na Feira do Livro de Frankfurt, em outubro passado. "A obra não era ainda sucesso na França, mas me atraiu por ser um libelo contra um mundo em que estratégias elaboradas por economistas criam



CRUZADA
Loyola Brandão: homem humano no lugar do homem econômico

um exército de desempregados". Mas nem todos concordam com a visão sombria de Forrester. "A autora apresenta apenas um diagnóstico parcial e pessimista da realidade econômica contemporânea", afirma o jurista Ives Gandra da Silva Martins.

ALERTA

Ao apresentar uma realidade caótica, Forrester, 71 anos, evoca as imagens tenebrosas de distopias como *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984*, publicado em 1949, de George Orwell, ou ainda Charles Chaplin sendo engolido por uma máquina no filme *Tempos modernos* (1936). "A obra mexe com os temores profundos de muita gente", avalia o deputado federal Roberto Campos (PPB-RJ). "Mas não passa de um palavreado retórico, com discurso 'social' de nível estudantil", conclui. "A autora sintetiza a angústia de sobrevivência do homem contemporâneo", contra-argumenta Castilho.

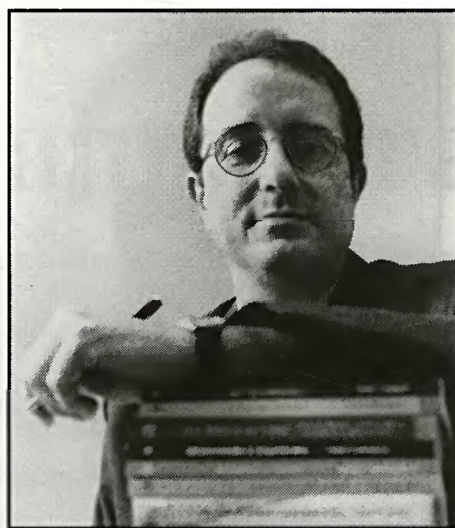
Intelectual de prestígio com presença atuante no debate político nacional, tendo ocupado a Secretaria Municipal da Cultura (1989-1992), a filósofa Marilena Chauí partilha com Forrester a revolta

contra a imobilidade da sociedade civil perante a miséria social. "Enquanto acreditarmos que o desemprego em massa é uma crise passageira, nada será feito", diz. Quanto ao livro, considera-o um alerta importante. "É contra a indiferença e angústia de nosso presente, mas sobretudo contra os que procuram fáceis e impossíveis soluções de curto prazo."

Com o título pinçado de um verso do poeta pós-romântico francês Arthur Rimbaud (1854-1891), precursor do surrealismo, *O horror econômico* tornou-se um símbolo de repúdio à política econômica globalizada e foi orgulhosamente empunhado, como se fosse um novo Manifesto Comunista, por trabalhadores europeus durante manifestações na Europa, no últi-

mo 1º de maio. "Viviane é a nossa vingadora nesta cruzada pela volta do homem humano, não do homem econômico, mecânico, frio", avalia o escritor Ignácio de Loyola Brandão, autor de *Zero* (1974), romance que, publicado primeiramente na Itália por ter sido proibido pelo regime militar, apresenta o mesmo tom indignado do livro de Forrester.

Cineasta preocupado com as questões sociais, como mostra em *Anjos do arrabalde* (1987), filme que enfoca a marginalidade econômica e social nos centros urbanos, o cineasta Carlos Reichenbach elogia a autora francesa. "Denuncia, com inteligência e pragmatismo, a democracia que despreza o homem, o trabalho e a mão-de-obra em nome de resultados".



Noella Ipe

EMPATIA
O editor Castilho: Viviane é intelectual que fala ao cidadão comum

ENTREVISTA

Da utopia ao pesadelo

Desde que *O horror econômico* foi lançado, primeiramente na França, em agosto do ano passado, e depois em seis outros países, sua autora, a francesa Viviane Forrester, tem vivido em meio a um fogo cruzado. De um lado, as críticas ácidas, sardônicas desferidas pela maioria dos economistas, que vêem no livro apenas um diagnóstico apressado, parcial e pessimista da realidade econômica dos nossos dias. De outro lado, a admiração irrestrita de leitores vindos de áreas "não especializadas", que a tomam como uma espécie de musa dos desempregados, que denuncia a democracia que despreza o homem. Crítica literária do jornal *Le Monde*, com pelo menos uma dúzia de obras publicadas, entre ensaios e ficção, Forrester devolve, nesta entrevista exclusiva, concedida em meio a seus inúmeros afazeres em Buenos Aires, no início de julho, com verve e bom humor surpreendentes, as duras críticas que lhe são feitas, aponta saídas e fala de seus planos para o futuro.

Marcos Picolo,
de Buenos Aires

Jornal da UNESP — Sendo *O horror econômico* um livro sobre problemas socioeconômicos escrito por uma intelectual da área literária, o sucesso do livro foi surpreendente para a senhora?

Viviane Forrester — Quando escrevo, nunca me pergunto se o livro vai ser um êxito. O sucesso de *O horror econômico* é um sinal político muito importante. Mostra que não há indiferença. Quando escrevia, me sentia muito isolada em minhas opiniões. Pensei em abandoná-lo. Mas os leitores e eu nos demos conta de que éramos um grupo bastante numeroso, pensando coisas que não haviam sido ditas até então.

JU — Alguns dizem que sua obra é superficial por não fundamentar argumentos em dados numéricos. Como a senhora reage a essas críticas?

Forrester — Mas basear-me em dados é exatamente o que faço! Tenho esses

dados e creio que isso se percebe quando se lê o livro. Se me perguntam sobre cifras, posso responder. Eu as conheço, mas não quis publicá-las. Seria algo pesado. Qualquer um pode ter acesso a elas. Os críticos é que não são concretos. Dizem "não há isto, não há aquilo" mas nunca dizem "há isto no livro, mas não é verdade". Às vezes afirmam "o horror é a autora", e não "o horror é o erro tal". Tudo o que digo está baseado em textos, documentos, fatos. Estou es-



Carola Brie

Viviane: "Escrevo melhor que muita gente que escreve sobre economia"

perando que me digam que não é verdade o que eu disse, e por que não é verdade. Apenas digo que escrevo melhor que muita gente que escreve sobre economia. Sou escritora e crítica literária, e faço crítica de livros políticos também. Quando não gosto de algo, aponto exatamente o que eu não gosto e por que penso que não é verdade ou que está mal escrito. E o faço com exemplos, citações.

JU — Seu livro é considerado apocalíptico, apresentando uma visão parcial da realidade, ignorando aspectos positivos da realidade econômica. A senhora é de fato pessimista?

Forrester — Não sou pessimista. Acho que pessimistas são os que afirmam que há alternativas, que existe um modelo único: a economia de mercado. Me coloquei distanciada do sistema vigente para analisá-lo de forma diferente. Só desse modo se pode ver que essa lógica que diz que a economia de mercado é a "galinha dos ovos de ouro" não é verdadeira. Não creio que exista uma crise do emprego, mas uma mutação da sociedade e até mesmo da civilização.

JU — As teses de Jeremy Rifkin, em *O fim do emprego*, consideradas também pessimistas, chegaram a influenciar sua obra?

Forrester — Não. O livro de Rifkin está na minha bibliografia, mas o li no final do meu trabalho. Não dizemos a mesma coisa. Falo da exploração na situação econômica atual; e ele, do final do trabalho, tratando de recomodar e de recompor a situação. Acredito que temos que saber como vamos viver sem empregos e manter a dignidade e o respeito humano. Não adianta saber como vamos ter emprego, pois não há mais necessidade de empregados. O pior é que continuamos

com os conceitos e critérios do século XIX, procurando remediar uma era industrial que já terminou. É como se quiséssemos curar um morto.

JU — Como a senhora vê a ascensão econômica dos chamados Tigres Asiáticos, com propalados aumentos de empregos e até de salários? Eles não contrariam as teses expostas em seu livro?

Forrester — Há quem diga que as empresas são humanitárias quando dão trabalho aos países pobres. Pergunto: por que não vão à África? Vão a países onde não há proteção social e o trabalho vale muito pouco. É bastante perverso. Esta civilização do emprego, que está em ruínas, é levada pelos países ricos como um presente para os que enfrentam dificuldades. E estas só vão aumentar.

JU — A experiência da UNESP, com câmpus em 15 cidades, é privilegiada na integração entre universidade-comunidade. A regionalização das instituições de ensino não seria uma forma de enfrentar o fim dos empregos?

Forrester — Essa experiência me parece muito interessante. Deveriam fazer isso em toda parte. Mas não é suficiente para que as pessoas consigam empregos, simplesmente porque não há empregos. Dentro de dez anos, o planeta

terá um bilhão a mais de habitantes e bem menos empregos. Quando me perguntam qual é a saída, digo que, antes de apontar a solução, é preciso encontrar as boas questões. É o que tento fazer.

JU — Para autores como Rifkin e James Champy, co-autor de *Reengenharia, a educação é uma alternativa para enfrentar o fim dos empregos*. A senhora concorda?

Forrester — Os jovens que estudam muitas vezes estão iniciando um caminho para serem expulsos, separados da sociedade. Rifkin e outros não pensam sobre isso, pois insistem em apontar a vida assalariada como o único modelo de vida autorizado, possível e honesto. Não sei como é no Brasil, mas, na França, muitos dizem: "Temos que dar uma menor formação humanista e maior formação técnica, para que os jovens possam sair da escola ou da universidade e entrar imediatamente nas empresas". Mas as empresas não querem esses profissionais! E não é porque não gostam deles, mas porque não necessitam deles!

JU — Qual será o tema de seu próximo livro: economia ou literatura?

Forrester — As disciplinas não se encontram em compartimentos. Da mesma forma que escrevo sobre política ou economia, o faço sobre Van Gogh ou Virginia Woolf. Sempre é uma coisa do pensamento. É subversiva. No próximo livro, vou continuar com as reflexões contidas em *O horror econômico*, sobretudo porque estou aprendendo muito com as pessoas com as quais falo em vários lugares. O mais importante é que as pessoas deixem de pensar, como eu pensava, que estão sozinhas com as suas inquietações. Até há bem pouco tempo, o fim dos empregos era uma utopia. Era pensado como uma liberdade a ser conquistada. Trabalhávamos livremente, deixando de ser empregados. O que seria algo bom, é hoje algo terrível.

JU — O horror econômico sairá nos EUA, em outubro, pela Chicago Press, uma editora universitária, como a Editora UNESP, chegando à Inglaterra logo depois. Portanto, ainda há a previsão de grandes polêmicas pela frente. Quando poderemos contar com a sua presença no Brasil para debater com intelectuais e outros setores da sociedade as polêmicas teses do livro?

Forrester — Gostaria muito de ir ao Brasil, mas, até abril ou maio do próximo ano, tenho a agenda comprometida. Tive que cancelar minha ida ao Brasil, em junho, antes de vir à Argentina, por um problema num dos pés, que me limitava a mobilidade. Fiquei desolada.



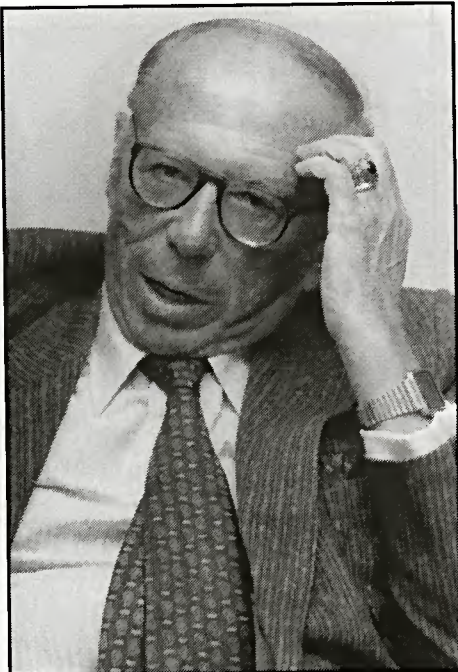
► Ives Gandra, por sua vez, afirma que falta ao livro a avaliação de pontos positivos do mundo contemporâneo. "A ampliação dos mercados, as soluções comunitárias e o crescimento da área de serviços são ignorados pela autora." Perante as críticas que afirmam que Forrester somente apresenta indagações, não respostas, Reichenbach não se acanha. "Por ser leiga em economia, ela não oferece caminhos redentores, mas estimula a reflexão", diz.

Diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Boris Tabacof concorda com o cineasta. "Escrito com excelente qualidade literária, o livro não apresenta soluções para o horror de nossos tempos, mas o desnuda", afirma. "A obra é uma lúcida exposição da barbárie contemporânea, um brado de alerta para que reajamos à nossa passividade", diz Marilena Chauí, cerrando fileiras com o empresário.

TECNOLOGIA

Chamada a fazer palestras pelo mundo todo, Forrester tem argumentado que as novas tecnologias teriam gerado mais privações do que benefícios. Afirma ainda que o crescimento econômico não cria empregos, mas os suprime. O economista José Pastore, professor da Faculdade de Economia, Educação e Contabilidade da USP, discorda. "Dizer que o aumento do desemprego no mundo foi causado pelo avanço tecnológico é inadequado. Quando há avanço da produtividade, ocorre aumento de emprego", conclui Pastore.

Prestes a ser transformado em filme pelo cineasta francês Marcel Ophuls, O



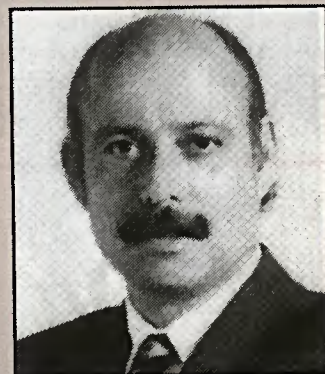
Clevo Magalhães/AE

PALAVREADO
Campos: nível estudantil

horror econômico impressiona pelas idéias contundentes. A principal é que a massa humana "desnecessária para o pequeno número que detém o poder" corre o risco de ser exterminada. "Forrester enfoca o sofrimento das pessoas desempregadas, não os dados estatísticos", sintetiza o editor José Castilho. "Como alerta, o livro é útil. Como diagnóstico amplo da realidade, insuficiente", rebate Ives Gandra. "Viva Viviane!. Em lugar de PIBs, pubs", conclui, bem-humorado, Loyola Brandão. "É um livro de utilidade pública!", arremata Reichenbach.

Educação, a luz no fim do túnel.

As opiniões de Forrester são polêmicas. Seu raciocínio de que a tecnologia é uma das culpadas pelo desemprego, por exemplo, enfrenta contestações. "Isso não é verdade", diz José Pastore, argumentando que, embora os EUA consumam tanta tecnologia quanto os países da Europa Continental, a taxa de desemprego lá é de 5%, semelhante à brasileira (5,42%, em 1996), enquanto a Europa apresenta números bem superiores (12%, na Alemanha; 13%, na França; e 14%, na Itália). "Quanto mais retrógrada a legislação trabalhista, maior o desemprego", explica o economista. "Países como Inglaterra e Holanda conseguiram reduzir o desemprego ao flexibilizar sua regulamentação trabalhista", concorda Roberto Campos.



Divulgação

Rifkin: visão caótica

Jeremy Rifkin, autor de outro *best-seller* na área econômica, *O fim do emprego* (Makron Books), que apresenta uma visão também caótica do futuro, acredita, como Forrester, que a humanidade enfrenta um momento repleto de desafios. "Os desempregados são bem mais numerosos do que os poucos empregos criados pela tecnologia", afirma. De acordo com o economista norte-americano, que esteve em São Paulo, no início de julho, a convite da Confederação Nacional do Transporte (CNT), os

governos enfrentarão duas alternativas: financiar a expansão de proteção policial e de prisões para encarcerar a crescente massa de criminosos; ou financiar formas alternativas de trabalho. "Se os ganhos decorrentes dos avanços tecnológicos forem utilizados pelas empresas apenas para aumentar sua margem de lucro, haverá uma convulsão social global", conclui.

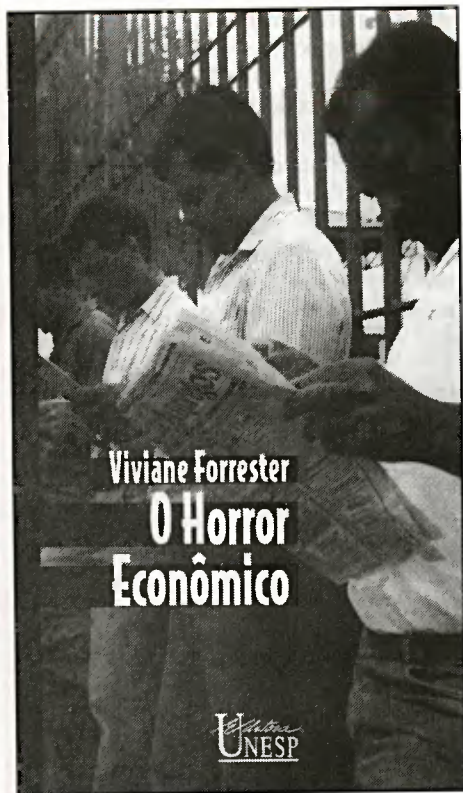
Para Forrester, o desemprego atinge, hoje, principalmente profissionais menos qualificados. James Champy, co-autor do também *best-seller* *Reengenharia* (Editora Campus), livro que mostra como as empresas precisam se reorganizar de modo radical para enfrentar as transformações deste final de século, está de acordo, mas vê uma luz no fim do túnel do desemprego. "No século XXI haverá menos trabalhadores, mas eles precisarão ser mais qualificados", argumenta o engenheiro norte-americano, também presente em São Paulo a convite da CNT. Levando em conta que, entre 1994-96, 90% dos trabalhadores da indústria brasileira demitidos não tinham o primeiro grau, Pastore também julga que a melhoria da qualidade de mão-de-obra é essencial. "A saída é uma só: educar. Educar mais e, sobretudo, educar bem", conclui.

RESENHA

Sucesso, entre queixumes e um certo desdém.

ROBERTO ROMANO

Por sobre narizes retorcidos, Viviane Forrester ergue sua voz cidadã para alertar: chegou o tempo dos assassinos.



O Horror econômico, de Viviane Forrester; tradução de Álvaro Lorencini; Editora UNESP; 154 págs.; R\$ 15,00, com 25% de desconto para a comunidade unespiana.

Uma característica da produção intelectual francesa, desde o século XVI, é o empenho na vida política. Autores considerados intimistas, Montaigne e Pascal, por exemplo, dedicaram tempo e cuidados aos problemas civis. Quanto mais se desenvolveu a modernidade, melhor se definiram os traços do escritor enquanto representante dos anseios religiosos, econômicos, políticos, ideológicos. A era das Luzes consagrou o ensaísta que se comprometia com os assuntos dos Estados e das sociedades. Voltaire, Rousseau, Diderot e uma grande massa de homens e mulheres, Madame de Staël é um caso, abriram as consciências dos governantes e dirigidos para prismas inauditos do mundo, denunciando injustiças e definindo novos modos de encarar o direito, as atividades produtivas, as práticas educacionais.

Com o Termidor, seguiu-se um encolhimento do papel exercido pelos escritores. A repressão napoleônica, arrancando do povo a soberania conquistada em 1789, retirou motivos para a militância educativa dos intelectuais. Agora, apenas o Executivo, dominado pelo "grande homem", educava a massa para a obediência e para a morte. No século XIX, o escritor encarnou o papel de grande sacerdote da melancolia humana. O romantismo elevou os que viviam da pena ao isolamento da genialidade. Sem encontrar saídas para si mesmo, o publicista perde-se nos lamentos e na exaltação populista, como Michelet, cantando no povo um Cristo impotente. As revoluções liberais e democráticas de 1848, depois a Comuna de Paris, acentuaram ao mesmo tempo os nexos e os descaminhos entre os "homens comuns" e os que viviam das letras. O trato entre os dois elementos tornou-se mais sutil do que no século XVIII. Balzac e Flaubert exibem as feridas sociais, mostram os indivíduos submersos num torpor letífero, sobretudo na tristeza causada pela burrice imperante, mas não se definem, como os Enciclopedistas, enquanto vanguardas do saber e das práticas corretas.

O século XX testemunhou a grande "traição dos intelectuais", de um lado, e a luta heróica de cérebros poderosos, como Jean-Paul Sartre, de outro. Com o novo Termidor representado pelo fim do socialismo estatal, simbolizado pela implosão soviética, os escritores se encolheram ao papel de apoletas de abstrações, vendendo *slogans* sobre a pós-modernidade, o fim da história, os "inevitáveis fatos" da globalização. Um torpor nojento emanava das letras francesas. Foi neste contexto que surgiu o livro de Viviane Forrester, editado no Brasil em muito boa hora pela UNESP. O sucesso do texto é evidente, sobretudo se notarmos as resenhas aparentemente desdenhosas dos economistas. Na França, os ideólogos do poder financeiro ergueram sua voz para execrar uma "não especialista". O mesmo fizeram, entre nós, cérebros bisonhos dedicados à propaganda disfarçada de teoria econômica. O jurássico Bob Fields dedicou um tijolão dominical inteiro para destilar queixumes sobre a escritora. O eugenista aproveita e deixa para discorrer sobre o "empulhamento de chamar 'excluídos' muitos que no máximo poderiam ser ditos 'ainda não incluídos', fabricados pelo espermatozóide delirante. Aos 18 milhões que moravam nas cidades em 1950, foram acrescentados 100 milhões pela paternidade irresponsável". Deste modo, nosso homem testemunha, com sua própria fala, o descrito por Forrester. O novo discurso totalitário sabe muito bem o que deve ser feito com os filhos do esperma delirante. Soluções finais ressurgem no receituário político e econômico.

Mas deixemos aos racionalizadores do massacre social os seus trejeitos. Forrester assume a técnica estilística mais adequada ao seu alvo, a denúncia da obsolescência do material humano. Sendo o lucro o único imperativo categórico, as pessoas de carne e osso tornam-se descartáveis. É notável o uso, pela escritora, de conceitos filosóficos e críticos, algo pouco sublinhado nas resenhas jornalísticas.

É clara a presença de Heidegger, sobretu-

do o filósofo de *Ser e tempo*, no livro de Forrester. A escritora denuncia o modo anônimo pelo qual o discurso do mercado se impõe às consciências, fazendo de cada novo falante um repetidor de *slogans*. A própria insensibilidade dos locutores, em especial dos técnicos, entra no quadro da imposição do SE heideggeriano. O filósofo alemão descreve como o SE toma conta das línguas, e a maneira pela qual, em pouco tempo, a maior parte dos falantes pensa, julga, aprecia, nega, em quase todas as matérias da vida, como SE DEVE. Os que ousam divergir perdem o direito à palavra, aos atos, à existência. Contra este SE emburrecedor, Forrester ergue sua voz com nome, incomodando a massa dos que entoam loas ao mercado absoluto.

Outro teórico muito presente na escrita de Forrester é Herbert Marcuse. Como em *One dimensional man*, também no *Horror econômico* são desvelados processos retóricos e propagandísticos estratégicos na luta pela imposição do discurso totalitário do mercado. Uma destas técnicas de manipulação, largamente usadas por economistas, políticos e marketeiros é a sigla. Forrester, seguindo a trilha de Marcuse, mostra o peso deste uso, o qual serve, justamente, para fazer engolir estratégias assassinas, sem muito incômodo de consciência. Neste sentido, um uso da poética lingüística mostra-se fundamental. Como o propagandista, também o acadêmico ideólogo apegar-se à manipulação das frases, inventando fórmulas breves, com todo seu poder mágico de persuasão. Ou seja, a escritora Forrester não depende da especialização científica em economia para ver, ouvir, apalpar o mundo de hoje, erguendo uma voz cidadã. Como Rimbaud, de quem ela retirou o título de seu manifesto, ela soube dizer aos homens e mulheres de nosso tempo: chegou o tempo dos assassinos.

Roberto Romano é professor titular do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas da Unicamp.



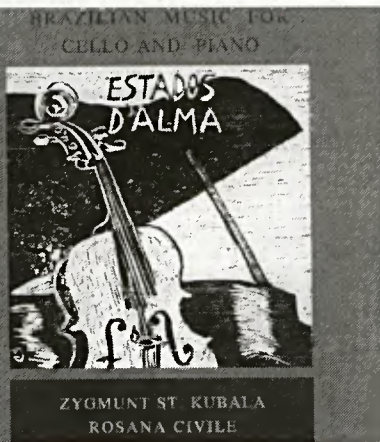
MÚSICA

Cello e piano, com alma brasileira.

Duo lança CD com o melhor do clássico nacional

Quem deseja conhecer a produção brasileira de obras para violoncelo e piano não tem outra opção a não ser uma ampla pesquisa em centenas de gravações e partituras, certo? Errado. Graças à gravação do CD *Estados d'alma*, do violoncelista polonês Zygmunt St. Kubala, professor do instrumento no Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, e da pianista brasileira Rosana Civile, o esforço será menor. "O disco é um ponto de partida para a recuperação das composições brasileiras para esses dois instrumentos", diz Kubala. "É um trabalho inédito, com músicas praticamente desconhecidas e agora gravadas pela primeira vez."

Embora hesitante em destacar uma das 22 faixas do CD, o violoncelista elogia "Três peças", de Guerra Peixe (1914-1993). "Todas as melodias são como filhos, mas os trabalhos do compositor fluminense são representativos do período em que esteve muito influenciado pelo folclore nordestino", afirma. "A produção brasileira para violoncelo e piano é realmente rica quantitativa e qualitativamente", completa Rosana Civile, destacando a cuidadosa seleção de repertório, que inclui Francisco



INEDITISMO
Kubala e Regina: resgate de obras desconhecidas

Mignone (1887-1986), Camargo Guarnieri (1907-1993) e Alberto Nepomuceno (1864-1920), entre outros. Há também Villa-Lobos (1887-1959). "Ele dava destaque ao violoncelo em suas composições por ter tocado o instrumento em várias orquestras", informa Kubala.

DISTINTAS EMOÇÕES

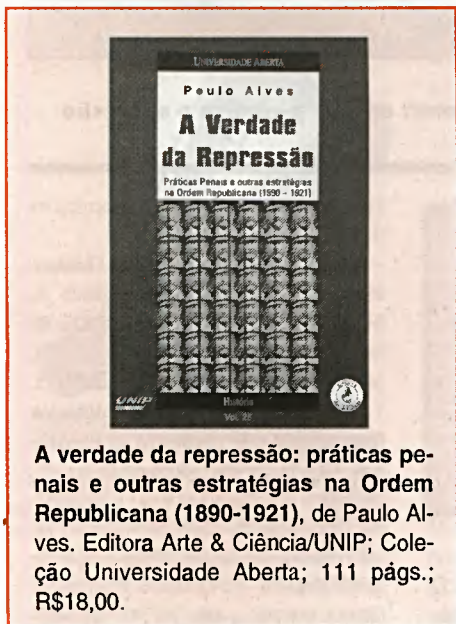
O título do CD é retirado da obra homônima de Edmundo Villani-Côrtes, professor de composição do IA e detentor do conceitu-

ado prêmio "Noneto de Munique", promovido pelo Instituto Goethe. "Originalmente escrita para flauta e piano, foi ampliada para adquirir a versão atual, com quatro movimentos", explica Kubala, radicado há 30 anos no Brasil. "Talvez por eu ser polonês, valorize mais a produção brasileira, procurando registrá-la na memória e nos ouvidos dos amantes da música daqui e do Exterior."

Gravado no Rio de Janeiro e dedicado à memória de Homero Magalhães, ex-professor de piano do IA, o CD não tem preo-

cupação cronológica na ordenação das faixas. "Tentamos alternar distintas emoções", diz Rosana, exemplificando com o contraste entre a alegre *Dança brasileira*, de Luciano Gallet (1893-1931) e a faixa seguinte, a triste *Elegia*, de Henrique Oswald (1852-1931). "Procuramos reunir obras que mostrem os diferentes estados da alma que o homem foi capaz de inventar", conclui Kubala. O CD pode ser adquirido pelo telefone (011) 535-4345, ao preço de R\$15,00.

LIVROS



A verdade da repressão: práticas penais e outras estratégias na Ordem Republicana (1890-1921), de Paulo Alves. Editora Arte & Ciência/UNIP; Coleção Universidade Aberta; 111 págs.; R\$18,00.

Repressão na República

Práticas de vigilância e correção são analisadas à luz do Código Penal

Para Michel Foucault, a repressão, enquanto fenômeno político, apresenta três aspectos: vigilância, controle e correção. Tomando como base esse conceito do filósofo francês, Paulo Alves, professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, publicou *A verdade da repressão: práticas penais e outras estratégias na Ordem Republicana (1890-1921)*. Ao analisar os discursos referentes às práticas repressivas de controle dos comportamentos considerados anti-soci-

ais do período, o autor toma como ponto de partida o Código Penal de 1890 e outras leis penais complementares que foram instituídas durante a Primeira República. Alves enfatiza ainda o papel das práticas repressivas como estratégias de força nas relações de poder. "A lógica da repressão se articulou, no período que estudei, a outras formas de controle, sempre com o objetivo de manter a ordem pública e a disciplina social. Assim, as condutas anti-sociais eram entendidas como casos de polícia", diz o historiador.

ARTES



Empurrãozinho providencial

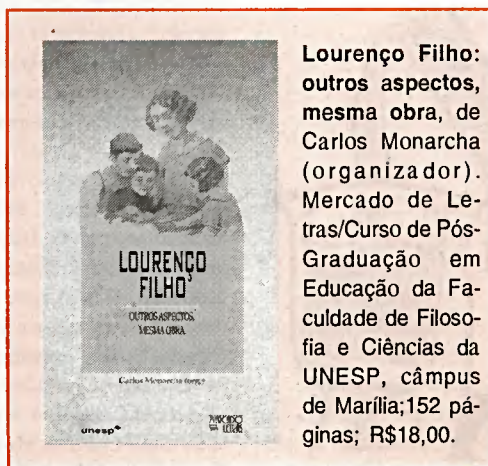
O programa Bolsas Vitae, um dos principais programas brasileiros de incentivo à criação e pesquisa artística, está em sua 11ª edição. Este ano, o concurso destina-se a projetos de criação ou pesquisa histórica e estética nas áreas de artes visuais, fotografia, cinema e vídeo. O prazo das bolsas varia de seis a doze meses, com subsídios mensais de R\$ 1.200 a R\$ 2.400. As inscrições estarão abertas até o dia 27 de agosto. Os interessados devem ter qualificação profissional em suas áreas de trabalho e não podem estar recebendo bolsas no mesmo período. É preciso retirar o regulamento e a ficha de inscrição na sede da Vitae, à Rua Oscar Freire, 379, 5º andar, São Paulo, ou solicitá-los pelo telefone (011) 3061-5299.

Lembrança oportuna

Criador de cartilhas consagradas tem obra revisitada

No momento em que o Brasil atravessa um período de amplo questionamento do ensino, torna-se oportuna a publicação de *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. O livro celebra os cem anos de nascimento do criador das célebres cartilhas *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!*. Organizador do volume, Carlos Monarcha, professor do curso de pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, destaca a importância da publicação. "Recuperamos aspectos esquecidos, inexplorados ou considerados menores da obra de uma

vida", diz. Maria do Rosário Morsatti Magnani, também da FFC, integra o livro com um ensaio sobre o papel de *Testes ABC — para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita* (1934), no conjunto da obra do educador Lourenço Filho (1897-1970). "É uma obra fundadora de uma tradição em alfabetização", avalia. Mestranda em Educação na FFC, Estela Natalina Mantovani Bertolotti aparece na coletânea com um estudo sobre as cartilhas do educador. "Elas podem contribuir para a busca de soluções para os problemas de alfabetização que ainda hoje são enfrentados na escola pública brasileira", conclui.



Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra, de Carlos Monarcha (organizador). Mercado de Letras/Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília; 152 páginas; R\$18,00.

POSSE I

GESTÃO
Pereira, o vice, e Machado, o diretor: três diretrizes



Silvio Garcia Manoel

Currículo sempre atual é compromisso

Formação acadêmica renovada é meta na Faculdade de Medicina

A Faculdade de Medicina do câmpus da UNESP de Botucatu tem nova diretoria. No último dia 6 de junho, tomaram posse, como diretor e vice, os médicos Paulo Eduardo de Abreu Machado e Hamilton da Rosa Pereira. Eles substituem, respectivamente, a Luiz Antonio Vane e João Lauro Viana de Camargo e devem ficar no cargo até junho de 2001.

De acordo com Machado, a nova diretoria tem três diretrizes básicas. A primeira é manter atualizada a formação acadêmica da faculdade. "Vamos procurar intensificar o intercâmbio com instituições de pesquisa do Brasil e do Exterior", afirma. Outra proposta é organizar administrativamente a faculdade. "Somos uma referência como instituição em toda a região e precisamos estar bem preparados para atender às demandas." Enfim, a atual administração promete valorizar seu setor técnico-administrativo. "Nossos funcionários devem estar bem atualizados para que possam ser melhor aproveitados, inclusive em novas funções."

Na mesma ocasião, foram empossados os novos supervisores do Hospital das Clínicas da FM, o neurocirurgião Armando

Alves, chefe do Serviço de Neurocirurgia do HC, e sua vice, a ginecologista e obstetra Marilza Vieira da Cunha Rudge, chefe da Clínica Obstétrica. Foram substituídos nos cargos, respectivamente, Marcos Augusto de Moraes Silva e José Goldberg.

3 x 4

O hematologista Paulo Eduardo de Abreu Machado, casado, 54 anos, formou-se médico pela Universidade Federal do Paraná, em 1968. Especializou-se em Hematologia pela Escola Paulista de Medicina, em 1969. Seu pós-doutorado aconteceu na Universidade de Paris-Set, França, mais precisamente na Faculdade de Medicina Creteil/Hospital Henri Mondor. Quanto a cargos de chefia na FM de Botucatu, onde ingressou em 1969 e tornou-se, em 1987, professor-titular, foi chefe do Departamento de Clínica Médica (1983/85) e diretor do Hemocentro (1986/97). Na Secretaria de Estado da Saúde, atuou como consultor da Hemorede.

POSSE II

A qualidade, acima de tudo.

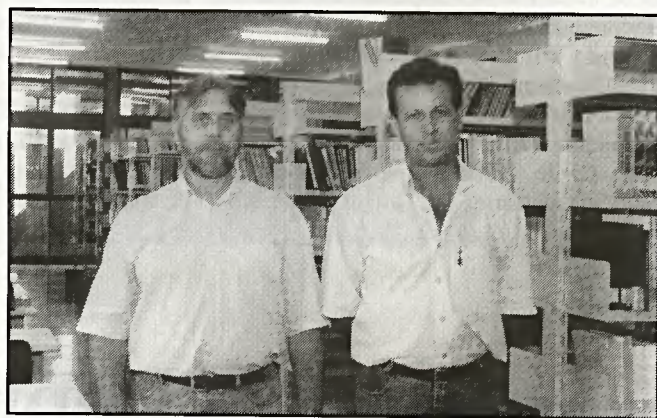
Nova diretoria investe nos cursos de graduação em Ilha Solteira

O último Exame Nacional de Cursos, provão, posicionou os cursos de graduação da UNESP entre os melhores do País. Manter essa posição é o grande desafio da nova diretoria da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Ilha Solteira, que tomou posse no último dia 19 de julho. O diretor é o engenheiro agrônomo Orivaldo Arf, que substitui Laurence Duarte Colvara. O professor Arf ocupava o cargo de vice-diretor da unidade. Em seu lugar, entra o engenheiro mecânico Sérgio Said Mansur, até então coordenador do curso de Graduação em Engenharia Mecânica.

O programa de gestão da atual diretoria, que ficará no cargo até 2001, procurou contemplar indistintamente o ensino, a pesquisa, a extensão e as atividades de apoio e administrativas. Para isso, foi estabelecida uma série de metas em cada setor, como a melhoria das condições de ensino, o fortalecimento do Núcleo de Apoio ao Pesquisador (NAP) da faculdade, o estímulo às atividades de extensão de serviços à comunidade e o oferecimento periódico de cursos de treinamento aos técnicos-administrativos. "A faculdade tem apresentado, nos últimos anos, um grande desenvolvimento e temos que manter este alto nível, driblando inclusive as dificuldades orçamentárias pelas quais passa toda a Universidade", declara Arf.

3x4

Orivaldo Arf, 40 anos, formou-se engenheiro agrônomo (1981), tornou-se mestre (1986) e doutor (1989) em Agronomia pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus da UNESP de Jaboticabal. Até o momento da posse, atuava como professor adjunto do Departamento de Fito-tecnia, Economia e Sociologia Rural da FE, sendo responsável pelas disciplinas de Agricultura Geral e Cultura de Cereais, em nível de graduação, e Culturas Anuais, em pós-graduação. Dentre as atividades administrativas, destacam-se as de chefe do Departamento de Agricultura da faculdade (1989/91), diretor da Revista Cultura Agrônômica (1992/95), presidente da Comissão Permanente de Administração (1993/97) e vice-diretor da FE (1993/97).



MANSUR E ARF, O DIRETOR: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Valdeir Ambino Rodrigues

ARACATUBA

- 11/8 a 15/12. Curso de extensão universitária **Prótese Parcial Fixa**. No programa, retentores, pânticos e conectores e moldagem, entre outros temas. Promoção da disciplina de Prótese Parcial Fixa. Inscrições até 8 de agosto. Quinzenalmente, às segundas-feiras, das 8h às 18h. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações (018) 624-5555, ramal 245.
- 14 a 16/8. III Encontro de **Anestesiologia Veterinária**. Na pauta, a atualização e a discussão de tópicos em Anestesiologia Veterinária, o intercâmbio de informações e idéias entre os profissionais da área. Participação de Eugene P. Steffey, da Universidade da Califórnia (EUA). Promoção do Curso de Medicina Veterinária da FO. Das 8h às 20h. Informações (018) 622-4542, ramal 311 ou (018) 983-2032.
- 29/8 a 12/12. Curso **Oclusão e ATM**. Teórico e prático, promoção do Núcleo de Diagnóstico e Tratamento das Disfunções Temporomandibulares. Inscrições até 20 de agosto. Quinzenalmente, às sextas-feiras, das 8h às 18h. Na FO. Informações (018) 624-5555, ramais 246 e 234.

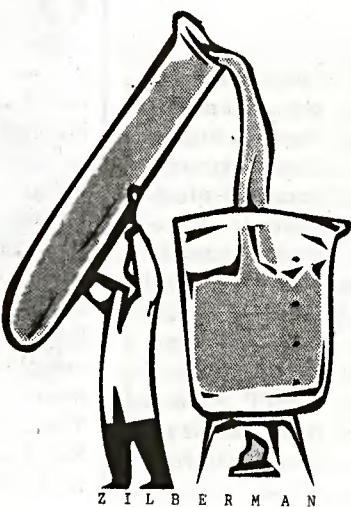
ARARAQUARA

- 30/7 a 9/8. Curso Tópicos de **Imunologia Básica e Imunização**. Dia 30/7, "Imunidade inespecífica"; dia 31/7, "Tecidos e células envolvidas na resposta imune"; dia 1º/8, "Antígenos, anticorpos, complemento"; dia 2, "Reações de hipersensibilidade"; dia 6, "Imunidade às in-

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE AGOSTO

fecções bacterianas, virais e parasitárias"; dia 7, "Imunoprofilaxia ativa e passiva"; dia 8, "Esquemas de imunização ativa preconizadas pelos órgãos de saúde pública"; dia 9, "Novas vacinas". Na sala 317 do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações (016) 232-0200, ramal 290.



ZILBERMAN

- 4 a 21/8. Período de inscrição para o curso **Gestão da Qualidade Total e ISO 9000**, de 3 de setembro a 5 de novembro. Dirigido a alunos de graduação de Farmácia-Bioquímica. Por José Paschoal Batisutti. Das 19h às 22h. Na sala 23 da FCF. Informações (016) 232-0200, ramais 280 e 211.
- 5 a 26/8. Seleção para o curso de pós-graduação **Educação Escolar**, em mestrado e doutorado, que começa no dia 8 de setembro. Estruturado em torno de dois eixos temáticos: "Trabalho educativo" e "Política e gestão educacional". Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações (016) 232-0444, ramal 144.
- A FCL estará promovendo, em agosto, em suas dependências, uma série de eventos. Dias 7 e 8. **Saúde, Gênero e Exclusão Social** - Debate Brasil-Canadá, informações (016) 232-0444, ramal 112; de 11 a 13 (inscrição até dia 8), seminário **Imagem e Ciências Sociais**, informações (016) 232-0444, ramais 112 e 119; dia 12, palestras sobre **Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, na Biblioteca Municipal de Araraquara,

- informações (016) 232-0777; de 18 a 21, Programa **Venha nos Conhecer**, para alunos de 2º grau, informações (016) 232-0444, ramais 134 e 149; dias 20 e 21, ciclo de conferências **Socialismo e Liberalismo Hoje**, informações (016) 232-0444, ramal 112; dia 27, **OXOUNOSSO** e Show com **Helena Meireles**, entrada franca; dia 29, X Encontro **ERIC-English Resource and Information Centre**, informações (016) 232-0444, ramal 120; dia 29, Inauguração do Painel dos **Direitos Humanos**, dia 29, sessão solene do curso de pós-graduação em **Educação Escolar**, informações (016) 232-0444, ramal 112; última semana de agosto, curso de especialização **Educação e Assistência à Criança Portadora de Paralisia Cerebral**, informações (016) 232-0444, ramal 112.
- 10 a 15/8. 44ª **Jornada Farmacêutica** da UNESP e I Simpósio Brasileiro de Farmacognosia. Haverá cursos (terapias alternativas, farmácia clínica e hospitalar), palestras (dopping nos esportes, ISO 9000 e síndrome de malformação causada por fármacos), módulos temáticos (novas formas farmacêuticas, anemias hemolíticas).

- Das 8h às 18h. Na FCF. Informações (016) 232-0200, ramal 280.
- 18/8 a 12/9. Exposição de **Fotos Odontológicas**. Promoção do Departamento de Materiais Odontológicos e Prótese. Das 8h às 18h. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações (016) 232-1233, ramal 175.
- 19 a 24/8. 51ª **Jornada Odontológica Internacional** e 17º Encontro de **Ex-Alunos**. Haverá cursos (odontopediatria, diagnóstico bucal, endodontia) e minicursos (prevenção da cárie, overdenture, laser e pacientes especiais). Participação de Jeryl English e Frederico Castelucci (EUA). Das 8h às 18h. Na FO. Informações (016) 232-1233, ramal 175.
- 20/8 a 5/9. Splicing como Mecanismo de **Regulação de Expressão Gênica**. Curso dirigido a estudantes, docentes e funcionários da área de Bioquímica, Farmácia, Biologia e afins. Pede-se conhecimento básico de bioquímica de proteínas e ácidos nucleicos, biologia celular e molecular. Inscrições até 6 de agosto. Das 8h30 às 18h. No Laboratório de Biologia Molecular da FCF. Informações (016) 232-0200, ramal 290.

ASSIS

- 6/8 a 1º/10. Curso de extensão **Patrimônio e Museus: As Identidades Modernas e o Passado Como Acervo**. Promovido pelo Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Abordará o museu como um objeto de conhecimento em si mesmo e um objeto de grande uso socio-cultural. Dirigido a estudantes, professores e pesquisadores das áreas de História e



Literatura e professores de 1º e 2º graus. Na FCL. Informações (018) 322-2933.

• 27 e 29/8. IV Jornada de Educação. Dirigido a pessoas ligadas à Educação, que debaterão e apresentarão trabalhos científicos tratando do futuro da educação no País. Haverá palestras, oficinas, mesas-redondas e apresentação de trabalhos. Na FCL. Informações (018) 322-2933, ramal 250.

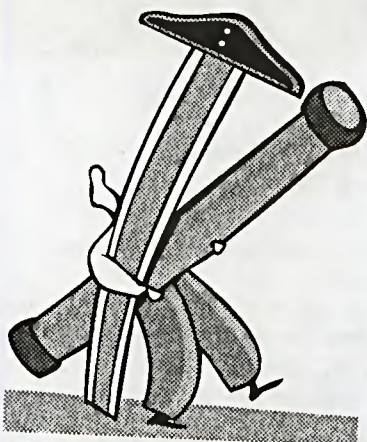
• Abertas as inscrições para o I Encontro do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da FCL. Uma reflexão sobre a especificidade dos acervos documentais das universidades paulistas. Na FCL. Informações (018) 322-2933, ramal 229.

BAURU

• 21 e 22/8. A Utilização de **Multimeios na Sala de Aula de 3º Grau**. Curso ministrado por Gilberto Luís de Azevedo, do Departamento de Educação. Na Faculdade de Ciências (FC). Informações: (014) 230-2111.

• 29/9 a 1º/10. IV Simpósio de **Engenharia de Produção**. No programa, ambiente e trabalho, automação, economia da produção e ergonomia, entre outros temas. Promoção do Departamento de Engenharia de Produção. Na Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET). Informações (014) 230-2111.

• Já estão abertas as inscrições para o 14º Congresso Brasileiro de **Engenharia Mecânica**. Haverá apresentação de trabalhos, conferências, palestras técnicas e exposição de produtos tecnológicos sobre diversos assuntos, como energia, vibrações e acústica, sistemas dinâmicos e modelagem e projetos mecânicos. Organizado por docentes das seguintes unidades da UNESP. Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET) de Bauru, Faculdade de Engenharia (FE) de Ilha Solteira, Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) de Rio Claro e Faculdade de Engenharia (FE) de Guaratinguetá. O evento acontecerá de 8 a 12 de dezembro. No centro de convenções do Hotel Obeid Plaza, em Bauru. Informações (018) 762-3113, ramal 138.



BOTUCATU

• 4 a 30/8. Curso de extensão universitária **Tópicos em Medicina de Animais Silvestres**. Na programação, zoonoses, nutrição, patologia, manejo e outros temas. Às segundas e quartas-feiras, das 19h às 22h; sábado, dia 30, das 8h às 18h. Na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ). Informações (014) 821-2121, ramal 2252.

• 11 e 15/8. Curso de Reciclagem em **Nefrologia**. Na programação, nefrologia clínica, hipertensão arterial, abordagem do paciente com insuficiência renal crônica e transplantes renais. Aulas teóricas e práticas ministradas no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina (FM). Promoção do Departamento de Clínica Médica. Informações (014) 822-2969. Inscrições (011) 571-2733.

• 14 e 15/8. III Workshop **Integração, Ensino e Pesquisa**. O tema do evento, organizado pelo Centro de Raízes Tropicais (Cerat), será "Mestrado Profissional". Na Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Informações (014) 821-3883, ramal 158.

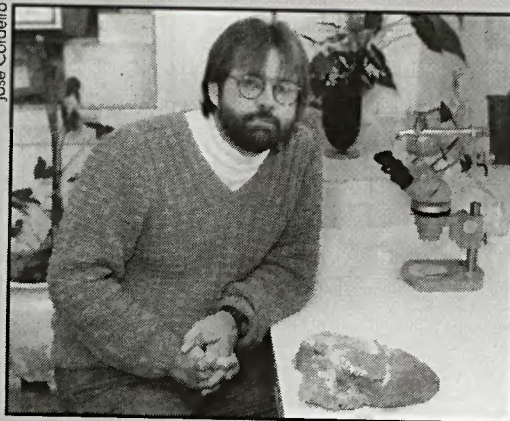
• 14 a 16/8. XI Jornada Científica de **Toxicologia**. O evento abordará análises to-

Pesquisas do mundo perdido

Congresso em Rio Claro discute Paleontologia

O cineasta Steven Spielberg deve muito do sucesso alcançado com as produções de *Parque dos Dinossauros* (1993) e *O Mundo Perdido* (1996) às conquistas científicas, cada vez em maior profusão, da Paleontologia. A ciência, que estuda animais e vegetais fósseis, será amplamente discutida por especialistas do Brasil e do Exterior durante o 13º Congresso Brasileiro de Paleontologia, que acontece de 3 a 7 de agosto no Hotel Fazenda Colina Verde, na cidade de São Pedro (SP). "Será um encontro da comunidade científica interessada em fósseis", comenta o paleontólogo Reinaldo Bertini, docente do Departamento de Geologia Sedimentária do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus da UNESP, que organiza o evento. Bertini é responsável pela descoberta, em 1988, do crânio de um abelissauro, dinossauro que viveu por aqui há 80 milhões de anos. Foi o primeiro indício da existência deste animal no Brasil.

O Congresso terá simpósios (micropaleontologia, paleobotânica, paleontologia de invertebrados e de vertebrados, paleoicnologia), sessão temática (Projeto 381 do PICG), sessões de temas livres, com a apresentação de



José Cordeiro

leozóico e ao Mesozóico do Estado, investigando os fósseis ali encontrados", conta Bertini. Durante o congresso, haverá ainda uma assembleia da Associação Brasileira de Paleontologia.

Serão realizados três cursos pré-congresso: "Introdução à Tafonomia e à Bioestratigrafia", no câmpus da UNESP de Botucatu, e "Métodos quantitativos em Paleontologia" e "Sistemática filogenética", no IGCE, todos de 1º a 3 de agosto. "Estes eventos permitirão uma reciclagem dos pesquisadores antes do congresso propriamente dito", explica Bertini. Mais informações sobre o congresso, que é bianual, podem ser obtidas pelo telefone (019) 534-0522, ramais 2812 e 2819, fax (019) 534-0327 ou ainda, pelos e-mails dgs@caviar.igce.unesp.br ou rbertini@caviar.igce.unesp.br.

DESCOBERTA Bertini e o crânio do abelissauro: interesse por fósseis

173 trabalhos de pesquisa, mesas-redondas (depósitos paleobiológicos brasileiros e sistemática filogenética), exposições tafonômicas e de icnofósseis, além de trabalhos de campo "Faremos visitas a localidades fossilíferas, mais particularmente ao Neopa-

flauta doce, inglês, ginástica e vôlei, além de seminários da saúde. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações (012) 525-2800, ramal 178.

• 20/8 a 29/10. Uma Breve **História da Música**. Curso aberto à comunidade, por Ilza Araújo, da Faculdade Santa Marcelina, de São Paulo. Curso teórico e prático sobre os períodos barroco e clássico, incluindo recitais de piano. Quinzenalmente, às quartas-feiras. Na FE. Informações (012) 525-2800, ramal 178.

ILHA SOLTEIRA

• 4 a 8/8. Curso de extensão universitária **Manutenção Preditiva Usando Análise de Vibrações**. Dirigido a técnicos e engenheiros da CESP e da Faculdade de Engenharia (FE), onde será realizado o evento. Promoção do Departamento de Engenharia Mecânica. Das 8h às 18h. Na FE. Informações (018) 762-3113, ramal 138.

• 4 a 15/8. Curso de extensão universitária **Auto Cad R 12 for Windows**. Dirigido à comunidade em geral. Das 8h às 12h. No Núcleo de Apoio Computacional do Departamento de Engenharia Mecânica da FE. Informações (018) 762-3113, ramal 138.

• A pedido do Centro de Treinamento da CESP, cursos de extensão, que seriam dados em julho, foram remarcados para agosto. **Interferência Eletromagnética**, de 4 a 8 de agosto, e **Técnica de Microcontroladores**, de 4 a 15 de agosto. Dirigidos aos engenheiros e técnicos da CESP. Na FE. Informações (018) 762-2125, ramal 21.

JABOTICABAL

• A Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) esta promovendo uma série de eventos durante o mês de agosto. Dias 1º e 2, **Produção de Flores e Plantas Ornamentais**, por Kathia Pivetta, no Centro de Convenções; dia 4, **Características Atuais das Principais Infecções Fúngicas Associadas com a Reprodução Animal**, por Samir Issa Samara, na sala 31 da Central de Aulas; dias 9 e 10, **Ettinger-Bonagura e os Recentes Avanços da Cardiologia Veterinária**, por Aparecido Antonio Camacho, no Auditório Executivo do Palácio do Trabalhador em São Paulo; dia 15, **Compostagem e Vermicompostagem no Tratamento do Lixo**, por William Lopes Alves, na sala 31 da Central de Aulas; dia 16, **O cultivo do Cogumelo Comestível Shiitake**, por Eli-

xicológicas por espectrometria de massas, relação estresse/dependência por psicotrópicos e tratamento e prevenção do uso de drogas, entre outros assuntos. Promoção do Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox). Dia 14, das 14h às 22h, e dia 15, das 8h às 12h. No Instituto de Biociências (IB). Informações (014) 821-3048 e 821-3116.

• 15 e 16/8. I Encontro de **Ex-Residentes de Nefrologia** de Botucatu. Haverá uma conferência ("Atualização em MAPA"), uma aula ("Aspectos atuais do tratamento dialítico") e uma mesa-redonda com ex-residentes, abordando a análise do treinamento em nefrologia, experiências e perspectivas e propostas na área. No Primar Plaza Hotel. Informações (014) 821-2121, ramal 2005 ou (014) 822-2969. Promoção do Departamento de Clínica Médica da FM.

• 23/8. Início do Curso Prático de Cultivo Doméstico e Conservação de **Frutas, Flores, Plantas Medicinais e Hortaliças**. Dia 23, "Horta medicinal"; dia 30, "Pomar doméstico"; dia 13/9, "Plantas ornamentais"; dia 20/9, "Horta doméstica"; dia 27/9, "Como conservar seus alimentos". Curso aberto à comunidade e ministrado por alunos do Departamento de Horticultura, orientados por Lin Chau Ming. Na Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Informações (014) 821-3883, ramais 172 ou 203.

• 29/8. Hidrolisados de **Fécula de Mandioca**. Tema da reunião científica realizada pelo Centro de Raízes Tropicais (Cerat). Na FCA. Informações (014) 821-3883.

FRANCA

• 12 a 14/8. Período de inscrição para o curso de extensão universitária **Repensando o Brasil Colônia**. Dirigido a alunos de graduação dos cursos da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Por José Dantas, do Departamento de História Social, Política e Econômica. De 18 de agosto a 29 de setembro, às segundas-feiras. Na FHDSS. Informações (016) 722-6222.

GUARATINGUETÁ

• 4/8 a 30/10. **Faculdade da 3ª Idade**. Cursos oferecidos: oficina de jogos teatrais, oficina de modelagem em barro, jardinagem: plantas medicinais, direitos do cidadão, informática, planejamento doméstico, neurolinguística, Português,

ana Maria Teixeira, na sala 31 da Central de aulas; dia 22 **Produção de Palmito de Pupunha**, na sala 31 da Central de aulas, de agosto a novembro, Cursos de **Informática**, por Euclides Braga Malheiros, no Laboratório Didático. Informações (016) 323-2500.

• 16 a 20/8. Curso de extensão universitária **Introdução à Biologia Marinha**. Coordenação de Marcelo A. Pinheiro, do Departamento de Biologia Aplicada à Agropecuária da FCAV. Aulas sobre o ecossistema marinho, o fenômeno das marés, aquarofilia e montagem de coleções científicas. Visita ao Instituto de Pesca e ao Aquário de Ubatuba. Em Ubatuba. Informações (016) 323-2500, ramais 229, 230, 260 e 261.

MARÍLIA

• 19 a 21/8. II Seminário da **Universidade Aberta à 3ª Idade da UNESP**. Na programação, debates sobre a importância do idoso na sociedade moderna, a avaliação do trabalho realizado na UNESP sobre o assunto e tomada de posições, entre outros temas. Participação de Claudio Garcia Pintos, da Universidade Católica Argentina. Das 8h30 às 18h. Na Faculdade de Filosofia e Ciências. Informações (014) 433-1844, ramais 177 e 195.

PRES. PRUDENTE

• 1 a 3/8. Curso de extensão universitária **A Percepção Corporal na Relação Terapêutica**. Promoção do Departamento de Fisioterapia. Na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações (018) 221-5388, ramal 241.



• 28 a 30/8. III Seminário Sobre o **Pensamento Geográfico**. Promoção do Departamento de Geografia Humana e Regio-

nal, do curso de pós-graduação em Geografia e do Grupo Acadêmico Produção do Espaço e Redefinições. Das 8h às 18h. Na FCT. Informações (018) 221-5388, ramal 251.

• Agosto de 1997 a dezembro de 1998. **Perspectivas de Vida, Perspectivas de Trabalho**. Curso dirigido à área de Educação Especial. Promoção dos Departamentos de Educação e Fisioterapia da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Com docentes da UNESP, USP e PUC/SP. Datas e horários a confirmar. Na FCT. Informações (018) 221-8571.

RIO CLARO

• 11 a 14/8. Curso de extensão universitária **Técnicas Para Simulação Computacional de Modelos Quantitativos em Ecologia**. Entre os objetivos, dar uma noção, aplicativa à ciência ambiental, do cálculo diferencial e integral. Inscrições até 6 de agosto. No Centro de Estudos Ambientais (CEA). Informações (019) 534-2358.

• 29/8. Último dia de inscrição para o Curso de Pós-Graduação em **Educação Matemática**. Seleção de 6 a 10 de outubro. No Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Informações (019) 534-0122, ramal 21.

SÃO PAULO

• 1º a 30/8. **Fragments da Imagem**. Exposição da ex-aluna Sandra Vigiante. Coordenação de Alcindo Moreira. No Átrio do Instituto de Artes (IA). Informações (011) 274-4733.

• 7/8 a 27/11. Curso de extensão universitária **Formação de Animadores Culturais**. Com Denise Claiss e coordenação de Marisa Fonterrada. Das 12h às 14h. No IA. Informações (011) 274-4733, ramal 239.

• 19/8. **Técnicas de Exercícios Físicos e Relaxamento no Trabalho**. Tema de agosto do 1º Ciclo de Palestras "Melhoria da qualidade de Vida", dirigido à comunidade do IA e extensivo ao público em geral. Por Roberto Nunes. Das 13h às 14h. No IA. Informações (011) 274-4733.

• 31/8. Último dia de inscrição para o **Concurso de Composição para Órgão UNESP**. Os objetivos são incentivar a produção de música para órgão, promover o conhecimento sobre o instrumento e difundir seu uso. O concurso é aberto e os candidatos podem concorrer com quantas composições desejarem. Serão premiadas três obras. A coordenação é da organista Dorotéia Kerr, docente do Departamento de Música do IA. Informações (011) 274-4733, ramal 232.

• O Studio PANaroma de **Música Electroacústica** da UNESP e da Faculdade Santa Marcelina (FASM) realizará, na primeira semana de agosto e no dia 15 do mesmo mês, o concerto **Festival Música Nova 1997**. Às 20h. Na FASM, Rua Dr. Emílio Ribas, 89, São Paulo. Informações (011) 241-2401, com Flo Menezes, diretor artístico.

SÃO VICENTE

• 8/8 **Propaganda Subliminar Multimídia**, de 13 de agosto a 25 de setembro. O curso objetiva propiciar uma visão crítica das aplicações da tecnologia subliminar nas comunicações e artes com objetivos de propaganda político-ideológica. Dirigido a professores, jornalistas e formadores de opinião pública da Baixada Santista. Das 14h às 17h. No Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel). Informações (013) 469-7682.

Atenção, unidades:

Prazo final de envio de informações sobre os eventos das futuras edições:

- edição de setembro, 18/8
- edição de outubro, 18/9
- edição de novembro, 17/10
- edição de dezembro, 18/11



Fotos: Monica Richier

Boas novas aos românticos

Método acelera tempo de produção, elimina perdas e reduz em mais de 50% o preço das mudas de rosa.

Até pouco tempo atrás, produzir mudas de roseira era tarefa delicada e de alto custo. Havia muitas perdas e levava-se até dois anos para se poder cortar e comercializar a primeira flor. De três anos para cá, com a ajuda das pesquisas da engenheira agrônoma Kathia Fernandes Lopes Pivetta, do Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal, isso mudou.

Entre fevereiro e dezembro de 1993, Kathia realizou pesquisas de campo na empresa produtora de rosas Condomínio Agrícola Irmãos van Schaik, em Holambra (SP), e no próprio câmpus. Esse trabalho resultou na sua tese de doutorado *Estudos sobre o enraizamento de estacas enfolhadas de roseira (Rosa sp.) 'Red Success'*, defendida em novembro de 1994 e aprovada com distinção e louvor. Kathia criou uma nova técnica, verdadeiro dribble na natureza: usando hormônio e umidade constante, a pesquisadora chegou a uma nova forma de obter mudas, que diminui os custos, a mortalidade e o tempo de corte da primeira flor. "Os dois anos caíram para seis meses", conta.

Pelo método antigo, ainda empregado por alguns produtores, corta-se um ramo, de cerca de 20 cm, de uma roseira rústica, que não produz flores de interesse comercial, com o qual se faz o porta-enxerto ou cavalo. Depois, espera-se o porta-enxerto enraizar, o que leva de 30 a 60 dias. Em seguida, as gemas, ou borbulhas (local no ramo de onde sai a folha), devem ser retiradas das plantas que se quer enxertar e implantadas no porta-enxerto.

PROCESSO DIFERENTE

Para isso, faz-se um corte em "T", normal ou invertido, levanta-se a casca do cavalo e coloca-se a borbulha embaixo. Depois, amarra-se com uma fita de plástico para que ela *pegue*. Após a brotação do enxerto, a muda está pronta e deve ser transplantada para o canteiro definitivo. Antes de cortar a primeira flor, é preciso fazer três podas. É uma operação necessária para que se consiga um botão bem formado e com uma boa haste.

O processo desenvolvido por Kathia utiliza o estaqueamento, eliminando a necessidade de porta-enxerto. As estacas são pedaços de 8 a 10 cm do ramo da variedade da qual se quer fazer a muda. O segredo está no uso do hormônio ácido indolbutírico e de



ECONOMIA
Kathia e Van Schaik: custo da muda caiu de R\$ 1,00 para R\$ 0,35

uma câmara de nebulização. Kathia planta as estacas num espaço coberto com um ripado, que deixa passar 50% de iluminação natural e onde há aspersores, que joram água a cada 60 segundos. Cada aspersão dura 15 segundos, o que deixa as estacas, fixadas num substrato que pode ser casca de arroz carbonizada ou vermiculita, sempre úmidas. Com isso, o tempo de enraizamento cai para 20 ou 30 dias.

Esse método é um grande avanço para um mercado que movimentava US\$ 24 milhões por ano e procura sempre melhorar a produtividade e baixar os custos. Que o diga o produtor de flores Paulo van Schaik, sócio-proprietário do Condomínio Agrícola

dos Irmãos van Schaik, que produz 1.500 dúzias de três variedades de rosas por dia. "O trabalho de Kathia foi muito importante para nossa empresa", reconhece. "Aumentou a velocidade da produção, diminuiu as perdas e, por consequência, derrubou os custos." Van Schaik conta que, antes das pesquisas, o tempo entre o início da formação da muda e o corte da primeira flor era de um ano e meio a dois anos e os custos eram bem maiores. "Havia uma perda de 20 a 30% das mudas devido a doenças e ao não enraizamento", explica o produtor. "Além disso, o trabalho de plantio era mais demorado e a quantidade de hormônio que usávamos estava acima do recomendado.

Tudo isso encarecia o custo da muda, que chegava a R\$ 1,00."

Depois das pesquisas de Kathia, o corte da primeira flor dá-se em seis meses, e não mais em dois anos. O tempo gasto para transplantar as mudas do local de enraizamento para o do plantio e o número de pessoas necessárias para realizar o trabalho também diminuíram. "Transplantamos de 30 a 40 mil mudas num único dia, utilizando o trabalho de 12 pessoas", conta Schaik. "Antes, eram necessários dois ou três dias, porque o serviço tinha de ser feito em etapas. Essas melhorias fizeram com que o preço da muda caísse para R\$ 0,35 ou R\$ 0,40."

Evânildo da Silveira

Antiquíssima, viu o homem descer das árvores.

Quando os primeiros ancestrais do homem desceram das árvores e se colocaram sobre dois pés, devem ter percebido, em meio à rústica vegetação do período paleolítico, delicadas flores de cores variadas. Registros fósseis provam que a existência da rosa remonta há pelo menos 25 milhões de anos, muito anterior, portanto, ao *Australopithecus*, o mais antigo e primeiro ancestral do homem a andar de pé. Assim como sua existência, o papel da rosa na cultura humana também é antigo. Inscrições encontradas em túmulos sumérios relatam que o rei Sargão, que viveu entre 2684 e 2630 a.C., teria trazido "do além Taurus mudas de rosas, videiras e figueiras". Em 500 a.C., Confúcio registrou 600 livros sobre essa flor na biblioteca do Imperador da China.



Rosas: 25 milhões de anos

Nativa do hemisfério Norte, a rosa, hoje, está espalhada pelo mundo todo. O gênero *Rosa*, da família das Rosáceas, é composto por cerca de 200 espécies silvestres e mais de 30 mil variedades híbridas, das quais não mais de 20 mil estão classificadas. A primeira híbrida de que se tem registro foi obtida na França, em 1842. As mais antigas são a 'Marechal Niel', de 1864, e 'Frau Karl Druschki', de 1901.

No Brasil, as rosas chegaram provavelmente entre 1560 e 1570, pelas mãos dos jesuítas, que as plantavam ao lado das escolas e igrejas que iam sendo construídas na então Vila de Piratininga. O primeiro registro escrito sobre a flor, de padre Anchieta, está em sua Carta Anua, espécie de relatório anual, de 1583.

(E.S.)